

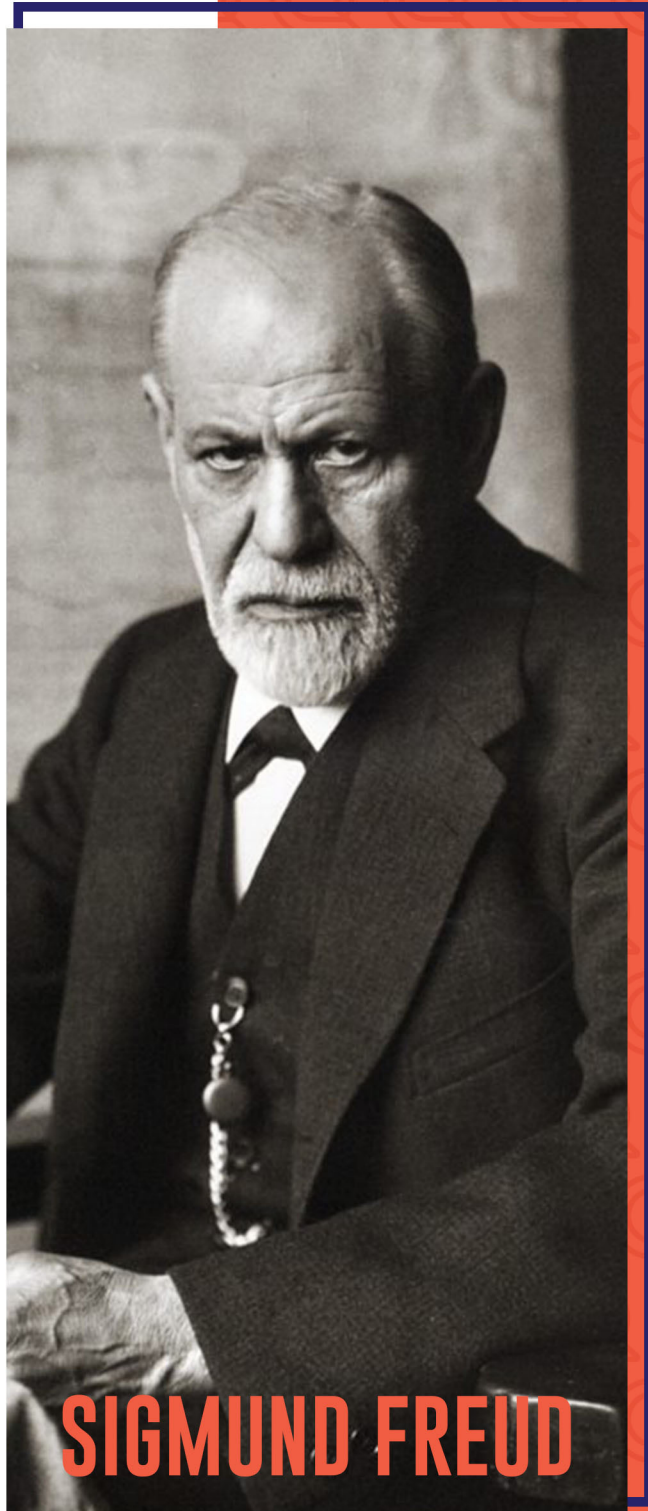


INSTITUTO BRASILEIRO  
DE PSICANÁLISE

**CURSO EAD DE FORMAÇÃO  
EM PSICANÁLISE**

**MÓDULO 1**

**CONTEXTO HISTÓRICO PSICANALÍTICO  
VERSÃO 2021**



**SIGMUND FREUD**

## **Ficha técnica**

### **IBRAPSI - INSTITUTO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE**

Fundadores: Solano Aquino e Vitor Pinheiro

### **CURSO EAD DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE**

Coordenador Didático: Francisco Antunes

### **APOSTILA DO CURSO DE FORMAÇÃO**

Módulo 1 - Contexto Histórico Psicanalítico

Concepção e Redação Final da Apostila: Rafael Duarte Oliveira Venancio

# Sumário

1. **Boas-vindas**
2. **Filosofia da Mente antes de Freud**
  - 2.1. A mente e a moeda
  - 2.2. Deu “cara”: os Racionalismos
  - 2.3. Deu “coroa”: os Empirismos
  - 2.4. E a moeda “caiu em pé”: o Idealismo
  - 2.5. Entendendo a ação da moeda: a Fenomenologia
  - 2.6. Psicologismo, a virada esquecida
  - 2.7. E o Niilismo?
3. **Freud antes dos estudos da Histeria (1856-1885)**
4. **Histeria e a invenção da Psicanálise (1886-1900)**
5. **Quem influenciou Freud?: biografias**
  - 5.1. Franz Brentano
  - 5.2. Ernst Brücke
  - 5.3. Carl Friedrich Wilhelm Claus
  - 5.4. Jean-Martin Charcot
  - 5.5. Josef Breuer e Anna O. (Bertha Pappenheim)
6. **Recapitulando...**
7. **Para saber mais**
8. **Referências bibliográficas**



## 1. Boas-vindas



Prezado(a) aluno(a), seja muito bem-vindo(a)!

Esta é a primeira apostila do seu curso EAD de Formação em Psicanálise pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBRAPSI). Ela representa todo o conteúdo escrito do primeiro módulo e deve ser lida junto com as videoaulas que acompanham o módulo. O texto e os vídeos se complementam, cada um dando uma perspectiva sobre o mesmo assunto.

Neste primeiro módulo, vamos trabalhar um dos primeiros conteúdos formacionais em Psicanálise: o Contexto Histórico Psicanalítico. Para você ser um psicanalista, muito mais que entender Sigmund Freud e todos os “troncos e ramos” da Psicanálise ao longo dos séculos XX e XXI, precisamos entender qual foi o “solo” que a disciplina e a atividade psicanalítica foi “enraizada” por Freud.

Assim, nesta nossa metáfora da Psicanálise enquanto uma árvore (que fora brilhantemente introduzida pelo psicanalista e professor brasileiro Renato Mezan em seu livro *O Tronco e os Ramos: Estudos de História da Psicanálise*, vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Psicologia e Psicanálise em 2015), a compreensão do “solo” que “nutriu” a Psicanálise que Freud criou é crucial.

Não estamos falando apenas do contexto histórico da Viena, capital austríaca, no fim do século XIX, algo que de certo falaremos, mas também de toda uma compreensão da filosofia sobre um aspecto humano: a mente. É necessário para qualquer um que deseja ser psicanalista, compreender de onde vem o conceito de mente e porque ele é algo passível de ser estudado, compreendido e posto inclusive em uma condição de tratamento clínico. Com a concepção da mente, vem a compreensão das dores psíquicas, de como elas são formadas e como podemos ajudar seres humanos a passarem por diversas fases da vida com uma compreensão mais ampla de si, de seu lugar no mundo e de como as outras pessoas o influenciaram.

Assim, neste primeiro módulo falaremos de filosofia da mente, da formação acadêmica de Sigmund Freud, das pessoas próximas que o influenciaram e os primeiros anos da criação da Psicanálise, que antecedem a escrita do livro *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900, considerada o seu marco inicial. A apostila se encerra com dicas de alguns livros para quem quiser se aprofundar ainda mais no assunto.

Este é apenas o pontapé inicial de todo um caminho formacional, mas também pretende ser completo. Queremos que este seja o começo da sua compreensão da Psicanálise como uma nova visão de mundo, de uma possibilidade de compreensão do humano na clínica (como psicanalista terapeuta), mas também em diversos ramos do saber.

Neste ano de 2021, onde foi comemorado os 165 anos do nascimento de Sigmund Freud no meio do contexto de uma reviravolta social por causa da pandemia da COVID-19 e das mudanças das formas de relacionamento social, afetivo e produtivo, a Psicanálise passou a ser mais procurada e mais compreendida como necessária. Não estamos falando apenas daquela ideia do divã que permeia nosso imaginário sobre a Psicanálise, mas também de uma visão de mundo que nos ajuda em casa, no trabalho e na sociedade.

Assim, se você sentiu um chamado para compreender mais a Psicanálise, este é o começo da jornada. É uma jornada que levará você não só a um século de história, mas como um neurologista de “meia-idade” na culturalmente efervescente capital austríaca (há quem diga que Viena era a “capital da Europa” no fim do século XIX), conseguiu transformar uma velha questão filosófica em uma prática que mudaria a vida das pessoas seja pela clínica, seja pelo seu uso cotidiano.

Novamente, sinceras e agradecidas boas-vindas a você, futuro psicanalista. Este é o começo da sua compreensão dessa frondosa árvore do saber chamada Psicanálise.

Prof. Dr. Rafael Duarte Oliveira Venancio  
Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBRAPSI)

## 2. Filosofia da Mente antes de Freud

A palavra “filosofia”, além de ter se tornado de uso corriqueiro para representar “uma visão de mundo” ou “conjunto de conhecimentos”, é o nome dado a uma prática humana e a um campo científico que remonta ao início da Civilização. Na Grécia Antiga, surgem os primeiros que praticavam a “amizade com o saber” ou “filosofia” (filo = amigo, sofia = saber, em grego antigo). Esses “amigos do saber” ou “filósofos” eram, antes de qualquer coisa, grandes questionadores do mundo, buscando a sua compreensão.

Muitos tinham esta prática, mas um se tornou célebre o bastante para ser considerado praticamente um “pai” da Filosofia. Seu nome era Sócrates e ele nada nos deixou escrito. Sabemos de seu pensamento e atitudes, bem como sua biografia, por escritos de outros, especialmente de seu discípulo mais célebre: Platão.

Sócrates encarnava o ideal da filosofia com sua frase ainda muito utilizada praticamente vinte e cinco séculos depois: “só sei que nada sei”. Essa atitude demonstra a necessidade do frequente questionar das coisas do mundo e, claro, daquilo que compõe nós mesmos.

Surge assim uma das questões mais célebres da filosofia: a “Questão da Verdade do Ser”. De Sócrates e Platão até os tempos atuais com filósofos (e outros ramos tributários desse saber primeiro que é a filosofia, tal como a Psicanálise), a pergunta pela verdade do ser é buscada e respondida por diversas formas. Uma delas surge pela ideia de “mente”. É essa que vamos entender nas próximas páginas.

O que virá a seguir é um grande resumo das correntes filosóficas que buscaram a compreensão da “Verdade do Ser” usando o ser humano como medida em relação às coisas do mundo. É nessa tradição que a Psicanálise se enraíza e é através dela que é possível ter uma clínica psicanalítica voltada para as dores psíquicas, bem como para a análise da Cultura.

Para facilitar essa explicação que, em si, daria um livro de muitos volumes, vamos lançar mão de uma metáfora: a “metáfora da moeda”.

## 2.1. A mente e a moeda

Todo mundo conhece uma moeda. É uma forma de metal composta de certa tridimensionalidade que a permite ter dois lados: cara e coroa. Usamos ela, claro, como dinheiro, mas também para decidir as coisas: “se der cara, venceu você; se der coroa, eu venci.”

Então, vamos imaginar a nossa mente decidindo o que é importante no mundo tal como um jogo de “cara ou coroa”. No entanto, o que significa esta “cara” e esta “coroa”.

“Cara” nesta metáfora significa que a mente vence sobre a matéria na questão da Verdade do Ser. Ou seja, a verdade das coisas do mundo é criada pela nossa mente. É a chamada “Metafísica” ou “além do mundo físico”. Essa é a forma primeira de filosofia desenvolvida pela Grécia Antiga tal como será visto nas próximas páginas.

No entanto, uma corrente oposta surgiu logo depois nas discussões dos filósofos gregos. A ideia de que a “Física” é quem dita a verdade das coisas do mundo. Esta, então, é a nossa “Coroa”.

“Cara” ou “Coroa”. “Metafísica” ou “Física”. Um jogar de moeda vai decidindo aquilo que a mente compreende enquanto verdade.

Nesta oposição entre duas correntes filosóficas, “Metafísica” e “Física”, vai surgindo a ideia de uma Filosofia da Mente. De um lado, uma mente mais poderosa diante do mundo. De outro lado, uma mente mais maleável diante das coisas que estão ao seu redor. Com esta linha de compreensão, podemos ir traçando um linha do tempo histórica que vai vincular Sócrates até Sigmund Freud e a criação da Psicanálise.

Tudo isso pensando que os filósofos, ao longo dos séculos, foram pensando a nossa mente como um jogar de “cara” ou “coroa” para decidir o que é a verdade das coisas, a verdade do nosso mundo ao redor e, não menos importante, a verdade sobre nós mesmos. Isso, no limite, é o que a Psicanálise se propõe a compreender.

## 2.2 Deu “cara”: os Racionalismos

Platão, o mais famoso aluno de Sócrates, é considerado o pai de duas correntes filosóficas que marcarão nossa visão de mundo. Uma delas veremos agora: o Racionalismo, que se consolidará enquanto tal apenas com René Descartes, um francês que viveu nos anos 1600, quase dois mil anos depois do filósofo grego.

A ideia de mente proposta pelo Racionalismo é de que nossa mente possui estruturas pré-concebidas e universais antes mesmo do nosso nascimento que é a entrada no mundo físico. Assim, haveria uma verdade do mundo que não depende das coisas físicas, materiais, mas sim das coisas metafísicas, imateriais.

Platão introduziu essa ideia com a sua famosa alegoria: a Caverna. Nessa alegoria, Platão nos conta a história de pessoas que vivem presas em uma caverna contra a parede. Tudo o que elas conhecem são as sombras ali projetadas. Certo dia, uma dessas pessoas se liberta e vai em direção à saída. Com isso, ela nota que há um mundo “de verdade” lá fora e volta para contar às pessoas. Quando faz isso, ao invés de confiarem no libertado, as pessoas o matam e decidem ficar presas a seus grilhões, vendo sombras na parede da caverna.

Em resumo, a alegoria da Caverna de Platão nos diz que o ser humano (logo, sua mente) vive presa no mundo físico (a caverna) não vendo a verdade das coisas (que está no mundo metafísico). O papel do filósofo é aquele que se liberta e compreende isso, mas não necessariamente ele será bem recebido pela sociedade, tal como bem representado não só na alegoria da caverna, mas também na biografia de Sócrates, que foi condenado à morte devido ao seu ensino filosófico questionador.

Essas palavras de Platão ecoaram ao longo dos tempos. No mundo caminhando para a era medieval, marcada pelo Cristianismo e a Igreja Católica enquanto fonte de saber, Agostinho de Hipona - Santo para os católicos, e um dos “Doutores da Igreja” - fez a sua leitura da caverna de Platão dividindo o físico e metafísico em “Cidade dos Homens” e “Cidade de Deus”, respectivamente. Nesta visão metafísica cristã, o quanto mais a mente estivesse voltado para a “Cidade de Deus”, mais próximo ela estaria da verdade das coisas.

Com o início da Idade Moderna e do Renascimento, a metafísica deixa um teocentrismo e se torna mais antropocêntrica. Ou seja, essa capacidade metafísica de entender a verdade das coisas estaria na própria mente humana. Eis aqui a contribuição de René Descartes.

Muito conhecido pela sua frase “penso, logo existo”, Descartes pregava uma radical divisão entre físico e metafísico, a começar pelo próprio ser humano que seria um ser duplo: corpo (físico) e mente (metafísico), com a prevalência da última sobre o primeiro para compreender a verdade das coisas. Assim, a mente não seria um produto do cérebro (parte do corpo), mas sim algo à parte e que conectaria todos os seres humanos por existir antes mesmo deles.

Assim, no Racionalismo cartesiano, a mente é algo a priori, ou seja, já dado. A função do humano para Descartes seria conseguir se conectar à sua mente para poder compreender o mundo ao seu redor, sem cair nas ilusões que o corpo cria para a mente.

Como seriam essas ilusões do corpo para a mente? Descartes, um grande interessado em anatomia e na física, usa um exemplo muito simples: o da torre de uma igreja.

Imagine que você está olhando, da janela do seu quarto, para a torre de um sino de uma igreja que está bem distante de você. Dependendo do jeito que você olha - ou seja, se olha com os dois

olhos; ou se olha com o olho esquerdo aberto e o direito fechado; ou se olha com o olho esquerdo fechado e o direito aberto - a torre parece mudar de posição.

No entanto, isso não é verdadeiro. É um truque do corpo (os olhos, o cérebro) para a sua mente que seria capaz de entender (através de saberes como a matemática e a cartografia geométrica) qual é a posição de fato da torre.

Você pode fazer este teste de Descartes na sua própria casa:

1. Procure um quadro que está em uma parede;
2. Sente-se e olhe fixamente com os dois olhos abertos para o quadro;
3. Feche um dos olhos e continue a olhar fixamente para o quadro;
4. Abra o olho fechado e feche o outro.
5. Repita a operação e note como o quadro parece mudar de posição.

No entanto, o quadro não mudou de posição. Ele está pregado lá na parede. Esse é um dos argumentos metafísicos de que a verdade está nos saberes que a mente pode articular e que eles nos antecedem (são a priori).

Só que não foram todos os filósofos que aceitaram essa ideia. Diante da "Cara" que diz que a verdade das coisas é "metafísica", há aqueles que defendem a "coroa", ou seja, a "Física".

## 2.3 Deu “coroa”: os Empirismos

As ideias de Platão - bem como os procedimentos de Sócrates - não eram uma unanimidade entre os filósofos da Grécia Antiga. Essa ideia de uma “metafísica” toda poderosa diante de um mundo físico passivo incomodava alguns. Será que o experimentar do mundo não nos ensinaria nada? Melhor, será que as experiências diferentes que cada humano vivencia não proporciona visões diferentes, acessos diferente à Verdade do Ser?

Este tipo de saber dado pela experiência é chamado de empírico. É a ideia de que a verdade está no mundo físico e que o metafísico só se torna melhor se buscar essa verdade. É a “Coroa” da nossa metáfora da moeda. Assim, para aqueles que acreditam no saber empírico (as chamadas correntes empíricas ou Empirismos), a mente seria não a fonte de todo saber, mas a maneira de chegar à verdade no mundo físico. Aliás, a mente seria, ela mesma para alguns, um resultado do mundo físico, por exemplo, um produto do nosso cérebro.

Na Grécia Antiga, a valorização do saber empírico contra o saber metafísico apregoado por Sócrates e Platão começa com Aristóteles.

Aristóteles era aluno de Platão na Academia (uma das primeiras instituições de ensino filosófico da Humanidade), mas logo se distanciou do mestre. Era um professor e um pesquisador de muitos assuntos e fundou sua própria instituição, o Liceu. Também foi mentor particular de grandes figuras, especialmente Alexandre, o Grande (cuja atitude geopolítica foi muito marcada pelas ideias empíricas aristotélicas).

Entre diversas contribuições, uma das ideias filosóficas aristotélicas que ajudaram no debate da Filosofia da Mente é o conceito de “categoria”. Para Aristóteles, a mente é uma grande organizadora do mundo físico, categorizando-o. Entendemos que uma coisa difere da outra através, por exemplo, de sua cor, temperatura, idade e outras qualidades. Assim, criamos “categorias” para tudo, até para a nossa própria existência e para os saberes metafísicos.

Isso influenciará fortemente a corrente filosófica que se chamará Empirismo propriamente dito, criada enquanto reação às ideias do Racionalismo de René Descartes. Um dos principais defensores dessa corrente filosófica é o inglês John Locke.

Ao contrário de Descartes, Locke acredita que a mente não era um a priori do ser humano, mas sim uma construção a posteriori. Ou seja, a mente era formada no ser humano a partir do momento em que nascemos. Assim, virtualmente, cada mente humana era única porque, em seu início, ela está em branco. A este “estar em branco”, Locke chamou de tabula rasa, ou seja, quadro vazio.

É através da experimentação do mundo físico e de suas verdades (saber empírico), que a mente encontra as verdades. A ideia empírica de Locke é tão poderosa que marca até hoje campos do saber ainda mais experimentais na ideia do “tentativa e erro”, sem a construção de hipóteses a priori tal como prega o racionalismo de Descartes.

Locke influenciou um outro pensador britânico no século seguinte ao seu: o escocês David Hume.

O empirismo de Hume, à primeira vista, parece ainda mais radical. É famosa a releitura que ele dá à famosa frase de Sócrates. Para o escocês, a frase do grego “Só sei que nada sei” deve ser levada ao pé da letra. Nisso que é chamado de “ceticismo”, não há garantia alguma que saberemos a verdade das coisas, pois seria impossível experimentar toda a verdade do mundo físico.

Para Hume, a mente é uma espécie de “álbum de figurinhas”, um “catálogo” de experiências. Um exemplo famoso dele se refere a uma categoria: a de cor em relação ao azul.

Vamos pensar juntos:

1. Quando criança, temos o primeiro contato com o azul graças ao céu;
2. Alguém nos diz: “Olha o céu. Ele é azul”. Assim, temos consciência da qualidade “azul”;
3. Ao longo da nossa vida, vamos buscando outros azuis: do mar, dos olhos, de bandeiras (tal como a da Escócia, pátria de Hume);
4. No entanto, é impossível dizer que conheceremos todos os tons de azul do mundo ou mesmo saber quantos são.

O que Hume não imaginava era que este seu exemplo abriria para uma nova ideia de resposta ao problema “físico” e “metafísico” na compreensão da mente da verdade das coisas. Suas ideias cruzariam o oceano e chegariam a uma pequena cidade na Prússia (país que não existe mais, mas que já foi da Alemanha, da Polônia e hoje é um enclave russo na Europa continental). Estamos falando de Kant que usará Hume para fazer uma nova leitura de Platão: surge o Idealismo.

## **2.4 E a moeda “caiu em pé”: o Idealismo**

Como a moeda é uma forma tridimensional, há uma mínima borda separando (e unindo) seus dois lados. Assim, quando não deu nem “cara”, nem “coroa”, a moeda “caiu em pé”. Essa terceira via - que, ao mesmo tempo, é unificadora, porém distinta - também é possível encontrar na questão da Verdade do Ser na Filosofia da Mente. No mundo entre “metafísica” e “física”, “racionalismos” e “empirismos”, há um terceiro conceito e uma terceira via de se pensar esta questão filosófica central. Eis o conceito de “ideia” e a sua corrente, o “Idealismo”.

O Idealismo notadamente começa com Platão, sendo com o Racionalismo, a outra corrente filosófica. Lembram da Alegoria da Caverna? Pois bem, lá tínhamos dois lugares, a caverna e o mundo lá fora, o físico e o metafísico. O mundo “lá fora”, o “físico”, foi chamado por Platão de “Mundo das Ideias”. A verdade das coisas, metafisicamente falando, estaria neste conceito permanente de ideia. As ideias seriam perfeitas, permanentes e a priori, ao contrário de suas sombras físicas.

Immanuel Kant, que viveu nos anos 1700 e nunca saiu de sua cidadezinha na Prússia, por muito tempo, trabalhava na linha metafísica como filósofo, sendo muito próximo das teorias de René Descartes, sem nenhum destaque ou marca pessoal. No entanto, aos 46 anos, ele entra em contato com as ideias de Hume sobre o saber empírico do mundo físico e a ideia da nossa mente como se fosse, tal como dissemos, um “álbum de figurinhas”.

O contato de seu conhecimento metafísico prévio com essa revelação fez com que pensasse como o “físico” e o “metafísico” estariam intrinsecamente conectados por algo que transcendesse a ambos. A este conceito, ele usou o nome já posto por Platão de ideia.

Assim, a “ideia” é onde o físico e o metafísico se conectam na nossa mente. Vamos pensar em um cavalo e colocar a pergunta filosófica sobre a Verdade do Ser: Onde está a verdade sobre o que é um cavalo?

1. Se você for um “racionalista”, um “metafísico”, vai dizer que a verdade do cavalo está a priori.

Ela já existe antes de você existir neste planeta e sua mente tem acesso à ela nesse mundo metafísico, para além das coisas. O nome “cavalo” antecede qualquer conhecimento do ser físico “cavalo”.

2. Já se você for um “empirista”, um “físico”, vai dizer que a verdade do cavalo está sempre a posteriori. O cavalo não existe em sua mente até você, de alguma maneira no mundo físico, entrar em contato com um cavalo. O ser físico “cavalo” antecede qualquer conhecimento do nome “cavalo” e pode ser que tenha pessoas no mundo que jamais o conhecerão.
3. No entanto, para Kant, a resposta “idealista” a esta questão é bem diferente. O que sempre teremos enquanto verdade em nossa mente é uma ideia “cavalo” que carrega o quanto temos acesso à sua verdade metafísica (o que Kant chama de coisa-em-si) e o quanto experimentamos do ser físico e suas representações (o cavalo ser vivo, mas suas reproduções na cultura e na arte).

Assim, para Kant, a “ideia” seria a verdade possível que a filosofia teria das coisas. Essa verdade que se manifesta da ideia seria chamada de “fenômeno”. Ele não acredita nessa verdade se manifestando em absoluto, tendo sido inspirado pelo ceticismo de Hume. Assim, sempre haverá um lado “oculto”, não manifestado da “ideia”. Isso é chamado de “nômeno”.

O idealismo kantiano com a inserção dos conceitos de “ideia”, “fenômeno” e “nômeno” abriu portas para muitas correntes filosóficas.

A mais famosa delas é o idealismo de Hegel que, ao inserir espaço para a questão histórica da verdade, cria portas para pensamentos materialistas que dominarão a compreensão da sociologia e da ciência política.

No entanto, pensando no caminho para a Psicanálise, o idealismo kantiano abre a porta para o surgimento, dentro da Filosofia da Mente, de uma corrente chamada “Fenomenologia”. Aqui a Questão pela Verdade do Ser não está sendo vista no aspecto de sua resposta (afinal, a resposta reside na “ideia”, na interação entre metafísico e físico, sendo a Fenomenologia uma espécie de Idealismo). Para a Fenomenologia, o importante é entender o funcionamento da verdade e como isso afeta suas questões.

Assim, a Filosofia da Mente não está mais tão preocupada com a verdade das coisas em relação com a mente, mas sim como esta verdade se manifesta, a sua ação na mente. Vamos entender isso melhor nas páginas a seguir.

## **2.5 Entendendo a ação da moeda: a Fenomenologia**

Introduzida enquanto corrente filosófica pelo também austríaco Edmund Husserl - que era três anos mais novo que Sigmund Freud e chegou a ser colega do pai da Psicanálise nas aulas com Franz Brentano na universidade - a Fenomenologia marca a Psicanálise não só por dividir bases teóricas e contexto social. O legado e o método de Husserl foi uma espécie de interlocutor filosófico possível da Psicanálise para muitos psicanalistas e filósofos no desenvolvimento psicanalítico após a morte do pai da Psicanálise em 1938 (curiosamente o mesmo ano da morte de Husserl).

Husserl desejava refletir sobre as formas de como entender as instâncias de manifestação da ideia, logo do fenômeno. Para ele, as formas de como tomamos consciência da verdade das coisas, seja ela metafísica ou física, é mais importante do que a própria Questão pela Verdade do Ser. Este procedimento influenciaria diversos filósofos, tais como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Simone

de Beauvoir, que seriam chamados de “existencialistas”. Afinal, ao tomarmos consciência da verdade das coisas, o fato delas “existirem” é mais importante do que o fato delas “serem”.

Alguns psicanalistas, fascinados com a metodologia de Husserl, chegam a radicalizar a ideia freudiana nessa direção, rompendo com a própria Psicanálise. É a chamada Dasein-Análise, de Ludwig Binswanger, ou mesmo a Gestalt-terapia, de Fritz Perls, e a Logoterapia de Viktor Frankl.

Outros, vendo seus pontos de contato, entendem que a Fenomenologia é uma disciplina filosófica que supera procedimentos vinculados com a compreensão psíquica do sujeito posta pela Psicanálise, especialmente por não colocar em cena aquilo que está lá e não se manifesta: o “nômeno” teorizado por Kant. Assim, enquanto a Fenomenologia (e as psicoterapias que a utilizam enquanto base filosófica) pensam apenas no manifesto, a Psicanálise pensa também nas ações do não-manifesto, “fenômeno” articulado com “nômeno”.

Isso só é possível porque Freud, à sua maneira, fez uma nova leitura das aulas de Brentano, professor seu e de Husserl, bem como levando a corrente proposta pelo primeiro a uma nova compreensão. Assim, podemos dizer que a Psicanálise acaba se diferenciando da Fenomenologia pelas influências distintas que recebeu daquilo que foi chamado de Psicologismo.

## 2.6 Psicologismo, a virada esquecida

Ao contrário da Fenomenologia, que se consolidou como corrente filosófica dentro do grande escopo da Questão da Verdade do Ser, o Psicologismo encabeçado por Franz Brentano não encontrou o seu espaço, sendo atualmente posto enquanto uma forma de Empirismo tardio.

Pensando nas categorias de Aristóteles e como eles podem se manifestar na mente, Brentano criou dentro da Filosofia da Mente uma investigação mais próxima daquilo que ele chamava de “Psicologia”. Hoje, não utilizamos mais este termo (chamando-a de Psicologismo), mas de certo os psicólogos de diversas correntes - sejam cognitivos-comportamentais ou transpessoais - são tributários deste filósofo da mente.

Brentano acreditava que a Filosofia da Mente (ou Psicologia em seus termos) deveria pensar os chamados “fenômenos psíquicos”, ou seja, como a nossa mente (“metafísica”) se refere a um objeto (“físico”). É o começo das chamadas “relações de objeto” que serão muito refletidas pela Psicanálise. Além disso, este filósofo austríaco introduziu a ideia de “intencionalidade” na filosofia, ou seja, como o ser humano ativamente modifica o mundo ao seu redor, através das representações mentais.

Se para Husserl, apenas a compreensão de “fenômenos” foi inspiradora para sua Fenomenologia, para Freud, as aulas de Brentano mudaram radicalmente a concepção de um jovem estudante de medicina. Franz Brentano, através de uma abordagem de interseção entre empirismo e idealismo, mostrou que o mundo físico possui relação sensível com as ideias.

Esse escopo teórico marcou tanto o jovem Freud que só frutificaria décadas depois, no momento em que ele desenvolve o método psicanalítico, especialmente de interpretação dos sonhos e associação livre para uma clínica das dores psíquicas. Para se ter uma noção de tempo, Freud foi aluno de Brentano por dois anos, quando tinha entre 18 e 20 anos (1874-76), e suas ideias da psicanálise se tornariam um método apenas um quarto de século depois, em 1900, quando Freud tinha 44 anos e publicou a sua Interpretação dos Sonhos.

## 2.7 E o Niilismo?

Além das aulas de Brentano, muitos marcam a presença de Arthur Schopenhauer no pensamento de Sigmund Freud. Se este pensamento não é claro em um momento inicial da Psicanálise (até por causa da leitura por Freud já adulto tanto de Schopenhauer como de Nietzsche), isso se torna mais patente a partir dos anos 1920, quando Freud reformula o aparelho psíquico em uma nova configuração em Id, Ego e Superego (a chamada Segunda Tópica). Assim, fica a questão: onde entra Schopenhauer nesta longa linha do tempo histórica da filosofia da mente que aqui apresentamos?

Schopenhauer foi um contemporâneo de Hegel, tendo uma visão oposta deste em relação ao Idealismo de Kant. Enquanto Hegel, ao inserir o vetor histórico na construção da “ideia” criando uma espécie de vetor positivo (e progressivo) no desenvolvimento da busca pela verdade (algo do tipo: “quanto mais a humanidade se desenvolve, mais conhecimento ela agrega), Schopenhauer via isso pelo “negativo”.

Para o filósofo alemão, o que sabemos é onde a verdade não está nas coisas, mas nunca sabermos, de certo, onde ela está. O mundo, assim, não funcionaria pelas formas positivas de saber, mas sim pelas tentativas de representação dele pela negação. A esta corrente filosófica que pensa as coisas do mundo pelo “o que elas não são” é conhecida como “niilismo”, sendo esta uma classificação de maneira ampla, englobando reflexões pessimistas e, até mesmo, decadentistas. Essa “via pelo negativo” que o niilismo oferece é uma maneira de entender o “nômeno” como tão importante quanto o “fenômeno”, quiçá mais.

Além de Freud, o niilismo de Schopenhauer influenciaria os seus dois principais seguidores: tanto Carl G. Jung, a quem Freud via como herdeiro intelectual, mas depois romperia com o pai da Psicanálise para criar a chamada Psicologia Analítica; como Jacques Lacan, que surge para a Psicanálise anos depois da morte do psicanalista austríaco, mas promove o chamado “Retorno a Freud”.

Dentro da filosofia, Schopenhauer influenciará fortemente Friedrich Nietzsche, que conviverá com muitos do círculo íntimo de Freud, especialmente com Lou Andreas-Salomé, uma das primeiras psicanalistas. Nietzsche também influenciará Freud mais fortemente em seus textos após 1920, mas também Alfred Adler (que romperá com a psicanálise para criar a Psicologia Individual e seus complexos de inferioridade e superioridade) e o próprio Jacques Lacan.

Um fato curioso é que Freud compra as obras completas de Friedrich Nietzsche em 1900, o ano tanto da publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, como da morte do filósofo alemão. Em carta a seu amigo e confidente Wilhelm Fliess, ele descreve o quanto ele evitou a leitura de Nietzsche, dizendo serem textos que ele devia “resistir”, não “estudar”.

Paul Roazen, em pesquisa original, discute essa construção oficial da biografia de Freud através de suas cartas a Fliess, uma das fontes de Peter Gay para escrever a sua célebre biografia do pai da Psicanálise. Roazen, interessado nas pontes nietzscheanas em Freud e Lacan, identificou nas cartas escritas em espanhol pelo adolescente Freud ao seu amigo Silberstein (as famosas cartas de “Cipião e Berganza”), a leitura de *O Nascimento da Tragédia*, podendo ter influenciado na construção do Complexo de Édipo décadas mais tarde<sup>1</sup>

1 DUFRESNE, T (ed). *Returns of the French Freud: Freud, Lacan, and Beyond*. New York and London: Routledge Press, 1997, pp. 13–15.

### 3. Freud antes dos estudos da Histeria (1856-1885)

Compreendido todo o fértil solo filosófico sobre a mente que antecede Sigmund Freud na criação da Psicanálise, é importante notar que a trajetória de Freud até aquilo que ele chama de Nascimento da Psicanálise com os seus Estudos sobre a Histeria em 1895-1898 e oficialmente normatizados em 1900 com a publicação de A Interpretação dos Sonhos (que fora escrita em 1899) é, de certo, muito longa. Quase quarenta anos separam o nascimento do ser humano Freud do nascimento da Psicanálise. Quarenta anos esses que mostram como um garoto, que se tornou médico neurologista, se transforma em algo que é fruto de sua reflexão e interpretação de como sanar as dores psíquicas de seus pacientes. Ou seja, um garoto que se torna psicanalista, defendendo este saber sobre o ser humano enquanto uma análise leiga, ou seja, passível de ser utilizado e aplicado por qualquer ser humano, seja ele profissional da saúde ou de outra área.

Em 06 de maio de 1856, nascia no Império Austríaco na cidade de Freiberg (hoje parte da Tchécua), Sigmund Freud, primogênito do terceiro casamento de Jakob Freud com Amalia Freud (nome de solteira: Amalia Nathanson), vinte anos mais jovem (ele com 51 e ela com 31 no momento do nascimento de Sigmund). O casal teria outros sete filhos: Julius, Anna, Rosa, Mitzi, Dolfi, Pauli e Alexander.

Sua família tinha origem judia e seus pais tiveram um casamento presidido por um rabino. No entanto, apesar de célebre em sua comunidade pelos seus estudos da Torá, Jakob Freud se afastara das tradições judaicas no momento do nascimento de Sigmund. Jakob, que era um grande mercador de tecidos e lãs, vivia um momento de recessão financeira, vivendo de aluguel em Freiberg próximo dos dois filhos de seu primeiro casamento.

Quando Sigmund comemora quatro anos de idade, a família Freud se separa. Enquanto os filhos mais velhos se mudam para a Inglaterra, Jakob e Amalia - junto com Sigmund e Anna, pois o bebê Julius falecera um ano antes - decidem ir para Leipzig, na Alemanha. Menos de um ano depois, eles firmam residência em Viena, onde Sigmund Freud morará dos 5 até os 82 anos de idade, antes de ser obrigado a um exílio na Inglaterra por causa da Segunda Guerra Mundial.

Em Viena, já em idade escolar, o menino Sigmund Freud se destaca nos estudos e mostra uma aptidão inata para línguas e um amor pela literatura que era compartilhado pelos seus amigos mais próximos. Sigmund Freud sabia falar Alemão, Inglês, Francês, Hebreu, Latim, Grego, Italiano e Espanhol.

De todas essas línguas, Sigmund Freud tinha uma relação curiosa e afetiva com o Espanhol na adolescência. Ela é sintetizada com precisão pelo psicanalista francês J.-B. Pontalis, um grande interessado nas relações freudianas com a literatura:

“Eles moram na mesma cidade, são colegas de sala, trocam longas cartas. São dois e, não obstante, fundam uma Academia. Chamam-se Sigmund (ou Sigismund) e Eduard, mas, como leram o ‘Colóquio dos cães’, de Cervantes, preferem tratar-se de Cipião e Berganza.

Querem ‘dizer tudo um para o outro’. Como eles designam as raparigas? ‘Princípios’.

São adolescentes de antigamente, bem distantes de nossos ‘aborrecentes’ de hoje, que enviam mensagens de SMS uns aos outros, recorrendo a uma escrita fonética, maltratando as palavras, deformando a língua, como se, para eles, a linguagem articulada fosse de outro planeta. Essa não é a deles. Está fora de cogitação submeter-se a ela.

Sigmund Freud e Eduard Silberstein, por sua vez, são apaixonados pelas palavras, gostam de entreter-se com as línguas. Bem ou mal, aprenderam sozinhos a língua espanhola e, volta e meia, optam por escrever ao outro nessa língua, canhestramente, para depois retornar ao alemão. Mas sua Academia chama-se 'Academia Castellana'." <sup>2</sup>

Além de Cervantes, Freud era um apaixonado por Goethe e Shakespeare. Enquanto a paixão pelo escritor alemão se manteve até o fim da vida, não é possível dizer o mesmo sobre o dramaturgo inglês. Isso é bem representado pelo discurso que Sigmund Freud faz na maior honraria que vencera em vida: o Prêmio Goethe quando já era quase um octagenário.

O Prêmio Goethe é oferecido pela cidade de Frankfurt a todos que façam jus ao legado artístico, científico e cultural do polivalente alemão. Freud foi o seu quarto ganhador em 1930. Em seu discurso de aceitação, ao mesmo tempo que elogia o espírito do autor alemão, levanta dúvidas e teorias da conspiração sobre a autoria das peças de teatro por Shakespeare, se filiando à chamada "teoria oxfordiana" (teoria essa que diz que Shakespeare era apenas um ator e uma "fachada" de autor para o nobre Edward de Vere).

No entanto, essa negação à autoria de Shakespeare no fim da vida não tira a importância da obra do inglês na construção inspiradora da obra psicanalítica freudiana. Tal como o mesmo J.-B. Pontalis nos diz:

"Freud fez mais do que ler Shakespeare, mais do que referir-se a ele ao longo de toda a vida. Literalmente alimentou-se dele, incorporou-o." <sup>3</sup>

Assim, essa relação intrínseca com a literatura que Freud possui desde a infância nos dá um olhar profundo sobre o que é o discurso psicanalítico. De certo, uma das mais belas definições dos primórdios da Psicanálise é de Lydia Flem:

"Desde sua origem, a psicanálise se apresenta como um discurso em desenvolvimento, um romance iniciático escrito na primeira pessoa do singular. Em sua viagem em terras inconscientes, Sigmund Freud vai encontrando as melhores companhias: Goethe, Shakespeare, Dante, Virgílio, Sófocles, mas também Heine, Schliemann ou Moisés. Essas grandes figuras do patrimônio ocidental o acompanham, cantam suas demonstrações, nutrem suas hipóteses teóricas e, na maioria das vezes, dialogam usando sua própria escrita." <sup>4</sup>

Além da sua paixão pela literatura, a própria infância de Freud - sua relação com os pais e o antissemitismo vigente na época - será uma experiência que terá profundas marcas na invenção da Psicanálise e, especialmente, nos seus primeiros escritos tal como *A Interpretação dos Sonhos* (1900).

Muitos das primeiras análises que Freud faz em seus escritos é de seus próprios sonhos, sejam eles em si ou em contraste com os sonhos de pacientes. Na maioria deles, fica evidente o impacto das personalidades distintas de seus pais, bem como o fato das expectativas (e cuidados) que eles tinham com o seu primogênito, visto como prodígio e promissor.

---

√2 PONTALIS, J.-B. "Ciprião e Berganza". In: PONTALIS, J. B.; MANGO, E. G. *Freud com os escritores*. São Paulo: Três Estrelas, 2013, p. 235.

3 PONTALIS, J. B. "Com Shakespeare". In: PONTALIS, J. B.; MANGO, E. G. *Freud com os escritores*. São Paulo: Três Estrelas, 2013, p. 25.

4 FLEM, L. *La vie quotidienne de Freud et de ses patients*. Paris: Hachette, 1986, p. 20-21.

Amalia Freud, a mãe, além de jovem, era considerada bela e enérgica. Muitas vezes, Sigmund relata o impacto da feminilidade de sua mãe em sua psique como fruto de força e atração pulsional.

Isso contrastava com a figura mais idosa, dócil e gentil de seu pai. Jakob, já caminhando para a velhice, não se deixava abater pelo fracasso financeiro ou pelos preconceitos que sofria por ser judeu.

Para muitos psicanalistas e comentadores da obra intelectual de Freud, a grande inspiração do complexo de Édipo - mais do que na peça grega de Sófocles ou, até mesmo, na citação ao Hamlet de Shakespeare feita em *A Interpretação dos Sonhos* - está no próprio triângulo relacional entre pai-mãe-filho na família Freud, ou seja, Jakob-Amalia-Sigmund.

Peter Gay, um dos mais reconhecidos biógrafos de Freud, relata alguns desses indícios e como eles são marcantes para a construção deste conceito central para a Psicanálise na compreensão da formação da mente humana:

“Seria a apaixonada, enérgica e dominadora mãe, quem, muito mais do que o pai amável mas um tanto incapaz, viria a prepará-lo para uma vida de investigação ousada, fama fugidia e êxito incerto. (...). Os sentimentos equívocos de Freud em relação ao pai estavam muito mais próximos da superfície. Prova disso é outra de suas lembranças fundamentais da infância, mais patética do que exitante. A recordação perturbou-o e, ao mesmo tempo, o fascinou-o. ‘Eu devia ter dez ou doze anos quando meu pai começou a me levar em seus passeios’, e a conversar sobre o mundo que ele conheceu. Um dia, para mostrar como a vida havia melhorado radicalmente para os judeus da Áustria, Jakob Freud contou esse caso ao filho: ‘Quando eu era rapaz, num sábado fui dar uma volta pelas ruas da cidade onde você nasceu, todo lindamente enfeitado, com um gorro de pele novo na cabeça. Então vem um cristão, de um lanço atira meu gorro no estrume e grita: ‘Judeu, fora da calçada!’ Interessado, Freud perguntou ao pai: ‘E o que você fez?’. E veio a calma resposta: ‘Desci para a rua e apanhei meu forro’. A reação dócil de seu pai, lembrou Freud de modo ponderado mas talvez um pouco duro, ‘não me pareceu heroica’. Então seu pai não era um ‘homem grande e forte?’”<sup>5</sup>

Ao mesmo tempo que o impacto da docilidade do pai, diante da forma enérgica da mãe, fora uma inspiração para a construção do Complexo de Édipo, crucial para a compreensão da mente humana pela Psicanálise, especialmente em sua primeira divisão da psique (Primeira Tópica com consciente, subconsciente e inconsciente), também serão essas experiências que marcaram um Freud mais velho com uma Psicanálise voltada para compreensões mais amplas da mente humana e sua relação social tal como em livros como *Mal-Estar na Civilização* (1930) ou mesmo na construção da segunda divisão da mente humana (Segunda Tópica com Ego, Id e Superego nos anos 1920).

Essa segunda faceta, inspiradora para um Freud mais tardio, pode ser vista em outro caso biográfico da infância de Freud - e sua lembrança posterior pelo Pai da Psicanálise - que nos é narrado por Peter Gay:

---

5 GAY, P. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 28.

“Na ‘Interpretação dos Sonhos’, ele registrou um incidente humilhante que remontava aos seus sete ou oito anos de idade. Numa noite, ele havia urinado no quarto dos pais na presença deles. Freud psicanalista, mais tarde, explicaria porque os meninos podem querer fazer isso. Exasperado, Jakob Freud havia dito ao filho que ele nunca chegaria a nada. A lembrança desse episódio perseguiu o jovem Freud durante anos. Foram um ‘golpe terrível em minha ambição’, e ele continuou a revivê-lo em sonhos. Talvez o incidente não tenha ocorrido realmente desta forma. Mas como as lembranças distorcidas não são menos, e possivelmente são até mais, reveladoras do que as lembranças exatas, esta parece encerrar seus desejos e dúvidas. Sempre que a rememorava, confessou Freud, rapidamente enumerava seus êxitos, como que para mostrar vitoriosamente ao pai que, afinal, ele chegara a alguma coisa.”<sup>6</sup>

Aqui, além do seu uso na explicação do sonho do conde Thun em *A Interpretação dos Sonhos*, vemos também ecos do conceito de superego e mesmo do totem paterno (descrito em *Totem e Tabu*, de 1913) que marcariam o seu caminho para a Segunda Tópica e ajudaria a criar novas teorias psicanalíticas, tal como a noção de interdição de Nome-do-Pai em Jacques Lacan.

Voltando à biografia de Freud, vemos que Sigmund - o adolescente prodígio, amante de literatura e considerado promissor pela sua família para uma carreira como professor ou teórico (tal como o pai, que chegou a enveredar no mundo teológico judaico antes de se consolidar enquanto comerciante) - entrou na faculdade para cursar medicina aos 17 anos.

Sua guinada de pesquisador em medicina para médico é creditada a influência do eminente fisiologista Ernst Brücke. O próprio Freud, em uma autobiografia escrita e publicada em 1925, descreve este percurso, que o colocaria nos estudos da Neurologia Cerebral:

“No laboratório fisiológico de Ernst Brücke encontrei enfim tranquilidade e plena satisfação (...). Brücke me encarregou de uma pesquisa no âmbito da histologia do sistema nervoso, que fui capaz de realizar, para sua satisfação, e depois prosseguir por minha conta. Trabalhei neste instituto entre 1876 e 1882, com breves interrupções (...). As disciplinas propriamente médicas não me atraíam - com exceção da psiquiatria. Fiz os estudos de medicina de forma negligente, e apenas em 1881, com certo atraso, portanto, recebi o título de doutor em ciências médicas. O momento decisivo ocorreu em 1882, quando meu venerado mestre corrigiu a generosa leviandade de meu pai, ao recomendar vivamente que, tendo em conta minha situação material, eu abandonasse a carreira teórica. Segui seu conselho; deixei o laboratório de fisiologia e entrei no Hospital Geral como aspirante (...) Nesse momento passei ao sistema nervoso central humano (...). No Instituto de Anatomia Cerebral tornei-me um pesquisador tão dedicado quanto fora no de fisiologia. (...) Do ponto de vista prático, a anatomia cerebral certamente não era um progresso em comparação com a fisiologia. Levei em conta as necessidades materiais, iniciando o estudo das doenças nervosas. Essa especialidade não era muito cultivada em Viena (...). O grande nome de Charcot brilhava a distância, e eu concebi o plano de obter a docência em doenças nervosas na universidade de Viena e depois viajar para Paris, a fim de continuar a minha formação.”<sup>7</sup>

---

6 GAY, P. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 38.

7 FREUD, S. “Autobiografia”. In: *Obras Completas volume 16*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 80-82.

Nesse seu registro autobiográfico, Freud é até modesto nas descrições de suas realizações enquanto neurologista, antecedendo a invenção da Psicanálise. Com a concepção psicodinâmica de Brücke e o estudo da espinha dorsal em lagostins, bem como o posterior trabalho em anatomia cerebral humana no Hospital Geral de Viena, o pai da Psicanálise produziu material vasto sobre a condição da transmissão nervosa.

Um dos artigos científicos escritos por esse jovem médico Sigmund Freud (denominado “A New Histological Method for the Study of Nerve-Tracts in the Brain and Spinal Cord” [Um novo método histológico para os estudos dos traços nervosos no cérebro e medula espinhal] publicado no sétimo volume de Brain, o pioneiro periódico científico em Neurologia da Universidade de Oxford em 1884) é considerado hoje um dos pontapés iniciais para a descoberta do neurônio, oficialmente nomeado assim por Heinrich von Waldeyer em 1891, quase uma década após os trabalhos do jovem Freud.

No entanto, o mundo das dores psíquicas e doenças nervosas atraiu Freud. O tratamento manicomial, que abusava da força e das intervenções cirúrgicas, vinha em uma crescente.

Sob uma forma de contraponto a isso, havia os trabalhos do francês Jean-Martin Charcot em Paris que valorizavam a hipnose e outros métodos não invasivos para a cura dessas condições.

Freud não só se encantou com a possibilidade de conhecer esses métodos e aprender com Charcot. Ele, tal como disse em sua autobiografia em 1925, direcionou a sua carreira visando o apoio para um estágio no Hospital-escola do mestre francês: o Salpêtrière. Neste hospital, Charcot dava grande atenção aos chamados casos de histeria. A comunidade científica naquele tempo acreditava que a histeria - ou seja, comportamentos corporais involuntários tais como contrações, paralisias, tiques, tremores e outras reações somáticas de fundo nervoso - só atingia mulheres, sendo, em síntese, uma doença uterina.

Charcot, através da hipnose, não só contradizia isso, mas também indicava um caminho para a cura. A hipnose não só tirava mulheres do estado histérico, mas também podia colocar homens em estado histérico, demonstrando que nada havia de relação com o útero. A histeria seria assim um caso de psicossomatia, ou seja, reações corporais causadas por dores psíquicas e condições mentais.

Freud conseguiu o seu estágio no Hospital de Charcot em 1885 e isso dá uma nova guinada em sua carreira. No ano seguinte, deixa de lado o estudo de analgésicos - inclusive abrindo mão do pioneirismo dos estudos da cocaína como analgésico local para pequenas cirurgias -, e foca a sua atenção para os estudos da histeria que o colocaria no caminho da invenção da Psicanálise.

#### **4. Histeria e a invenção da Psicanálise (1886-1900)**

Apesar de ter sido uma visita de menos de um ano, a convivência com Charcot e seus estudos sobre a histeria, marcaram Freud. Por ter sido uma viagem bancada pela Universidade de Viena, a primeira coisa que o neurologista austríaco teve que fazer foi uma palestra sobre o francês para toda a cena médica vienense. O próprio Freud relembra este fato em sua autobiografia.

“Volto ao momento em que me estabeleci como médico de nervos em Viena, em 1886. Eu tinha a obrigação de fazer, na Sociedade dos Médicos, um relato acerca do que vira e aprendera com Charcot. No entanto, tive uma péssima acolhida. (...) Um deles, um velho cirurgião, logo exclamou: “Mas caro colega, como pode o sr. falar tal absurdo?! Hysteron (sic) significa ‘útero’. Como pode ser o

homem ser histérico?” (...) Permaneceu intacta a impressão de que as grandes autoridades não admitiam minhas novidades; e, com a histeria masculina, e a geração de paralisias histéricas através da sugestão, achei-me impedido à oposição. Quando, logo em seguida, foi-me interdito o laboratório de anatomia cerebral e durante o semestre não tive local onde pudesse dar conferência, afastei-me da vida acadêmica e das reuniões dos colegas. Há alguns decênios deixei de visitar a Sociedade dos Médicos.”<sup>8</sup>

Até o começo da década seguinte, as pesquisas científicas de Freud ficaram latentes, dando lugar a um médico que trabalhava em atendimentos para sustentar a sua nova família. Afinal, Freud casara com Martha Bernays, com quem ele trocou inúmeras cartas apaixonadas e confidências de sua estada em Paris (algumas delas muito úteis inclusive hoje para entender a pesquisa de Freud com Charcot) e logo os filhos vieram. De pesquisa científica, Freud dedica-se a poucas inserções em um laboratório de anatomia cerebral infantil do Dr. Oskar Rie, publicando artigos científicos sobre paralisia em crianças, bem como um pequeno livreto sobre afasias, o seu primeiro, em 1891.

No entanto, a estadia de Freud em um hospital em Nancy em 1889, bem como a reaproximação com um conhecido (mais de década mais velho que Sigmund) dos tempos de laboratório com Brücke, fizeram que Freud voltasse a refletir sobre a hipnose e a histeria.

Enquanto conversavam sobre a experiência em Nancy, esse colega, Josef Breuer, confidenciou a Freud um caso de histeria que tratara entre 1880 e 1882. O nome dela - aliás, o pseudônimo, afinal os casos de pacientes sempre são descritos pelos psicanalistas por pseudônimos - era Anna O.:

“A paciente era uma jovem de educação e dotes incomuns, que adoecera enquanto cuidava do pai que muito amava. Quando Breuer a recebeu, ela apresentava um embaraçoso quadro de paralisias com contraturas, inibições e estados de confusão mental. Uma observação casual fez o médico perceber que ela poderia ser livrada daquelas turvações da consciência se ele a induzisse a expressar em palavras a fantasia afetiva que no momento a dominava. A partir dessa experiência, Breuer chegou a um método de tratamento. Ele punha a paciente em hipnose profunda e a fazia contar o que lhe oprimia o espírito. Depois que os acessos de confusão depressiva eram superados dessa maneira, ele aplicava o mesmo procedimento para eliminar suas inibições e seus distúrbios físicos.”<sup>9</sup>

Através da reflexão sobre Anna O., Freud e Breuer trabalharam na cura da histeria, encontrando o método catártico através da questão da livre associação. Ora, a livre associação surgiu quando Anna O. decidiu, a partir do incentivo e anuência de Breuer, encerrar suas sessões de hipnose para tratar sua histeria. No lugar, ela simplesmente falava com Breuer, dizendo tudo que lhe viesse à mente (por vezes, sob leve hipnose tal como Freud constataria mais tarde, tal como em sua Autobiografia, ao refletir sob as ambiguidades de Breuer). Anna chamava essa ação de “limpeza de chaminés” e ambos chegaram a se referir a ela como “cura pela fala”. Essa atitude é o início da livre associação, um dos pilares tanto do método catártico como do psicanalítico.

O método catártico é descrito nos Estudos sobre a Histeria, de 1895. Atualmente ele faz parte

8 FREUD, S. “Autobiografia”. In: Obras Completas volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 87-88.

9 FREUD, S. “Autobiografia”. In: Obras Completas volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 93.

das Obras Completas de Freud, tendo o nome de Breuer como co-autor sem tanto destaque. No entanto, Freud fará essa correção mais tarde, mostrando inclusive que Breuer deixou escapar algo fundamental na reflexão acerca deste método: o papel da sexualidade nos casos histéricos.

“Se (...) o leitor acreditar que os ‘Estudos sobre a histeria’ são, no que têm de essencial, produto intelectual de Breuer, isso é exatamente o que sempre defendi e que faço constar também aqui (...). Breuer chamou nosso procedimento de catártico; o objetivo terapêutico explicitado era fazer com que o montante de afeto empregado na manutenção do sintoma, que caíra em trilhas erradas e nelas permanecera como que entalado, tomasse as vias normais, onde podia chegar à descarga (ab-reagir) (...) Pouco se fala da sexualidade na teoria da catarse, Nos casos clínicos que foram minha contribuição aos Estudos, fatores sexuais desempenham determinado papel, mas quase não recebem mais atenção do que outras excitações afetivas. Breuer disse de sua primeira paciente, que se tornaria famosa, que nela o elemento sexual era surpreendentemente pouco desenvolvido. Pelos Estudos sobre a histeria não se descobriria facilmente a importância da sexualidade na etiologia das neuroses.”<sup>10</sup>

O caso “Anna O.” tanto uniu Freud e Breuer para construir o método catártico, que daria à Psicanálise a noção de livre associação, bem como o separou, possibilitando que Sigmund criasse o método psicanalítico. O ponto-chave de tudo isso foi a questão da sexualidade, algo que Peter Gay sinteticamente descreve a partir do material que ele obteve das correspondências privadas de Freud, Breuer e amigos dos dois:

“Escrevendo sobre Anna O. em 1895, Breuer casualmente disse que ele havia ‘suprimido um grande número de detalhes bastante interessantes’. Como sabemos a partir da correspondência de Freud, eram mais do que simplesmente interessantes: eles constituem as razões pelas quais Breuer mostrara de início tanta relutância em divulgar o caso. Uma coisa era reconhecer os sintomas de conversão histérica como reação significativa a traumas específicos, e a neurose não como simples desabrochar de alguma tendência hereditária (...). Outra coisa totalmente diferente era admitir que as origens últimas da histeria, e algumas de suas manifestações ostensivas, eram de natureza sexual. ‘Confesso’, escreveu Breuer posteriormente, ‘que o mergulho na sexualidade, na teoria e na prática, não é para meu gosto.’ A história completa de Anna O., à qual Freud aludira aqui e ali com expressões veladas, era um teatro erótico que Breuer considerou excessivamente desconcertante.”<sup>11</sup>

O que incomodava Breuer é que uma das situações históricas comuns no fim da análise com Anna O. simulava um parto que Anna dizia ser do “filho do Doutor Breuer”. Em carta para Stefan Zweig - amigo pessoal de Freud e que seria uma figura marcante na cena literária brasileira dos anos 1930 -, Freud menciona que Breuer tinha naquele momento histérico “a chave da Psicanálise na mão”, mas deixou cair por causa do “horror convencional”. Em breves termos, Freud descreve o salto da catarse para Psicanálise:

“Minha expectativa se cumpriu; libertei-me do hipnotismo, mas com a mudança da técnica

10 FREUD, S. “Autobiografia”. In: Obras Completas volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 95-96.

11 GAY, P. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 77.

também o trabalho da catarse mudou o seu aspecto. O hipnotismo havia encoberto um jogo de forças que então se revelava, e cuja compreensão dava à teoria um fundamento seguro (...). Para ficar em um exemplo fácil, digamos que aparece na vida psíquica uma única tendência, à qual outras tendências poderosas se opõem. Segundo nossa expectativa, o conflito psíquico que então surge deveria transcorrer de modo que as duas grandezas dinâmicas - vamos chamá-las, para nossos propósitos, 'instinto' [pulsão] e 'resistência' - lutassem entre si por algum tempo, com forte participação da consciência, até que o instinto fosse rechaçado, sendo retirado o investimento de energia de sua tendência. Esta seria a solução normal. Mas na neurose - por razões ainda não conhecidas - o conflito tem outro desfecho. O Eu como que se retrai no primeiro encontro com o impulso instintual repulsivo, barra-lhe o acesso à consciência e à descarga motora direta, mas este conserva seu pleno investimento de energia. Denominei este processo 'repressão'. Era algo novo, nada semelhante a ele fora notado antes na vida psíquica. Era claramente um mecanismo de defesa primário, comparável a uma tentativa de fuga, um precursor do julgamento condenatório normal. O primeiro ato de repressão implicava outras consequências. Em primeiro lugar, o Eu tinha que se proteger do contínuo assédio do impulso reprimido, mediante um permanente dispêndio [de energia], um 'contrainvestimento', assim se empobrecendo; por outro lado, o reprimido, que então era inconsciente, podia achar descarga e satisfação substitutiva por outras vias, desse modo fazendo gorar a intenção da repressão.

Na histeria de conversão essa outra via conduz à inervação somática, o impulso reprimido irrompe em qualquer lugar e cria os sintomas, que são resultados de compromissos; certamente satisfações substitutivas, mas deformadas e desviadas de sua meta pela resistência do Eu." <sup>12</sup>

Assim, não era mais uma questão catártica em si. Freud inicia, então, a construção da metapsicologia (os conceitos fundamentais e as teorias de funcionamento psicodinâmico) que montará a Psicanálise. Apesar dos "sonhos" estarem no título do livro fundante da Psicanálise, é a repressão a principal chave de leitura psicanalítica.

"A teoria da repressão tornou-se o pilar da compreensão das neuroses. A tarefa da terapia teve de ser concebida de outra forma, seu objetivo não era mais 'ab-reagir' o afeto que enveredara por vias erradas, mas sim desvendar as repressões e substituí-las por operações de julgamento que poderiam resultar na aceitação ou rejeição do que fora repudiado. Considerando esse novo estado de coisas, não mais chamei de catarse o procedimento de investigação e cura, e sim de psicanálise. Pode-se partir da repressão, como de um centro, e pôr em relação com ela todos os elementos da teoria psicanalítica." <sup>13</sup>

Estava aberto o caminho para o nascimento da Psicanálise com A Interpretação dos Sonhos. Isso será melhor abordado na apostila e nas aulas do próximo módulo, o segundo do curso de Formação em Psicanálise do Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBRAPSI).

## 5. Quem influenciou Freud? Biografias

A leitura biográfica da vida de Sigmund Freud antes da invenção da Psicanálise é, certamente,

12 FREUD, S. "Autobiografia". In: Obras Completas volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 104-106.

13 FREUD, S. "Autobiografia". In: Obras Completas volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 106-107.

interessante para entender as influências que ele recebeu ao longo da vida e através de seus afazeres. Isso fica ainda mais acentuado com o fato de que a Psicanálise, em si, é uma filha tardia de Freud.

Conforme ressaltamos mais de uma vez, ao contrário de alguns grandes teóricos que fazem suas mais importantes descobertas na juventude, a Psicanálise vem para um Freud já maduro. É com 30 anos que Freud, com o impacto do ensino de Charcot em Paris, inicia seus estudos sobre a histeria e sua clínica junto com o médico Josef Breuer. Com quase 40 anos, Freud publica em co-autoria com o colega austríaco, seus primeiros estudos sobre a histeria. E é, nos 44 anos de Freud, que a Psicanálise finalmente é considerada nascida com a Interpretação dos Sonhos junto com a alvorada do século XX.

Assim, nesses 44 anos de vida, digamos, pré-Psicanálise, Freud marcou e foi marcado por diversas biografias de vida. Nas páginas a seguir, destacamos entre professores, colegas e pacientes, aqueles que a vida mais diretamente contribuíram para a formação do adulto Sigmund Freud em sua jornada para a invenção psicanalítica.

São minibiografias que, de certo, mostram os caminhos que se entrecruzaram com os de Freud durante certa fase da vida, mas que, em si, também possuem méritos e necessidade de lembrança e compreensão histórica. Afinal, apesar de alguns jamais terem qualquer vinculação direta à Psicanálise, há um pouco deles na visão de mundo proposta pela teoria psicanalítica.

### **5.1. Franz Brentano**

Nascido em 16 de janeiro de 1838 na Prússia, Franz Brentano é membro de uma família tradicionalmente ativa nas artes e ciências do seu país. Estuda Aristóteles na faculdade e, depois de obter seu doutorado em filosofia, inicia os seus estudos teológicos sendo ordenado padre católico em 1864.

Na década seguinte, ele se tornou ativo enquanto professor universitário nas áreas de filosofia aristotélica e teologia. Entrou no debate dentro da Igreja Católica sobre a ideia de infalibilidade papal, que discute se o Papa é capaz ou não de errar em suas decisões. Argumentando pela ideia contrária (ou seja, que o Papa é capaz de errar), acaba largando a batina e seu país em 1874.

Muda-se para Viena onde dará aulas por vinte anos na universidade. É neste momento em que ele desenvolve suas ideias sobre a psicologia filosófica ou psicologismo, a partir do seu livro *Psicologia a partir de um ponto de vista empírico*, de 1874. Foi professor de Sigmund Freud, de Edmund Husserl e de outros filósofos tais como Meinong e Stumpf que influenciaram correntes filosóficas a partir da ideia, inspirada em Aristóteles, de uma “Escola de Brentano”.

Em *Psicologia a partir de um ponto de vista empírico*, Brentano desenvolve um conceito da teologia de maneira laica: a intencionalidade. Com este conceito, ele foi capaz de entender as relações que a mente humana possui com os objetos físicos, especialmente suas emoções, inspirando em Freud as ideias que posteriormente seriam desenvolvidas pelo pai da Psicanálise e freudianos nas “relações de objeto”.

Sai da universidade e da Áustria em 1895 após a morte da primeira esposa, indo para Florença, na Itália. No contexto da Primeira Guerra Mundial, se muda para Zurique onde faleceria em 1917.

### **5.2. Ernst Brücke**

Nascido em 06 de julho de 1819, na cidade alemã de Berlin, Ernst Brücke se formou em medici-

na em 1842. Logo se tornaria assistente de Johannes Peter Muller, um dos pais da fisiologia moderna. Em 1873, se muda para Viena, onde seria professor de diversos fisiologistas, especialmente von Marxow e Paneth, estudiosos das estruturas nerválgicas e intestinais, respectivamente.

No entanto, é a ideia de “psicodinâmica” que deixa Brücke famoso, bem como tendo feito crucial contribuição à formação de Sigmund Freud como neurologista, bem como na formação da Psicanálise. O fisiologista berlinês acreditava que todos os seres vivos eram sistemas dinâmicos que respondiam às leis da química e da física, especialmente à famosa lei de Newton de “ação e reação”.

Assim, qualquer ação mental desencadearia uma reação de igual magnitude, podendo ela ser, por exemplo, corporal. Era o começo não só das ideias psicanalíticas, mas também da Psicossomática, onde o corpo responde a condições postas pela mente, não por doenças causadas por mal-funcionamento do órgão ou por microorganismos.

Essa concepção de Brücke, aliado ao ensino de Charcot, seria de vital importância para Freud na sua compreensão da condição da histeria tanto para desvinculá-la de uma condição sexista de mal-funcionamento do útero (afinal, os homens também podiam ser histéricos), bem como mostrar que ela poderia ser tanto causada como curada por intervenções feitas no funcionamento psíquico, sem necessidade de intervenção física (cirurgias, choques, etc.).

Em 1890, antes do surgimento da Psicanálise e mesmo da publicação dos estudos sobre a Histeria de Freud, Brücke se aposenta da universidade. Ele se dedica a escrever seu último livro: A Figura Humana: suas belezas e defeitos, publicado no ano seguinte.

Em 07 de janeiro de 1892, Brücke falece. Uma grande ironia que ele não pôde ver a invenção da Psicanálise pelo seu pupilo quase uma década depois. Freud, mais de uma vez, o homenagearia dizendo que Brücke fora um dos professores que mais moldaram sua visão científica do mundo que desencadearia na visão psicanalítica.

### **5.3. Carl Friedrich Wilhelm Claus**

Nascido em 02 de janeiro de 1835, Carl Friedrich Wilhelm Claus era um célebre zoólogo alemão que, aos 38 anos, é convidado a dar aulas no Império Austro-Húngaro, assumindo uma vaga na Universidade de Viena, bem como a estação oceanográfica em Trieste, na época parte da Áustria, mas hoje pertencente à Itália.

Claus ofereceu ao jovem Sigmund Freud o seu primeiro estágio científico: estudar a sexuação das enguias. O ciclo de vida das enguias, curiosamente, é um mistério que permanece incompleto até os dias atuais. Por nunca acharem enguias que parecessem filhotes, desde a Antiguidade, acreditavam que elas eram frutos de “geração espontânea” do solo úmido. Caso isso fosse provado, isso seria um problema para teorias de reprodução e de evolução das espécies.

O zoólogo Claus pedira ao jovem Freud que dissecasse a maior quantidade possível de enguias e investigasse seus órgãos sexuais, tentando refletir sobre esta questão, imaginando-as hermafroditas. A intenção de Claus era que as enguias, tendo simultaneamente os órgãos sexuais masculino e feminino, pudessem dar uma nova compreensão sobre a teoria evolucionista de Darwin, diferente da visão recapituladora de Haeckel, em voga no mundo germânico.

O estudo de Freud, de certo modo, não o levou a lugar algum. O jovem cientista, médico em formação, dissecou quase centenas de enguias em Trieste. Todas eram fêmeas. Nenhum testículo ou gônada fora encontrada, apenas duas enguias tinha algo que poderia ser visto como uma possível

gônada.

Esse capítulo, presente nas biografias de Freud, é normalmente omitido pelo próprio em seus escritos autobiográficos. Uma coisa é certa: foi Claus que apresentou Darwin a Freud, levando-o a trabalhar com Brücke. Assim, o zoólogo tem, para Peter Gay, um lugar certo na tríade vienense formadora do jovem neurologista:

“Tudo era obra do entrechoque de forças cegas e profanas. O Freud zoólogo que estudava as gônadas das enguias, o Freud fisiologista que estudava as células nervosas de lagostins e o Freud psicólogo que estudava as emoções dos seres humanos estavam todos empenhados em um único empreendimento.”<sup>14</sup>

Seriam esses três - o psicólogo Brentano, o fisiologista Brücke e o zoólogo Claus - que preparariam Freud para o seu interesse em Charcot e em Breuer, antevendo a invenção da Psicanálise.

---

14 GAY, P. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 49.

#### 5.4. Jean-Martin Charcot

Entre todos que influenciaram Freud na invenção da Psicanálise, Charcot é uma figura à parte, talvez a mais importante com quem o neurologista austríaco conviveu. Se Brücke possui influência determinante, através da psicodinâmica, em Freud, é Charcot que mostrará as possibilidades de uma nova concepção de olhar o humano por sua subjetividade sem perder a cientificidade de vista.

Nascido em 1825, pouco se sabe da vida do parisiense Jean-Martin Charcot. O próprio nunca produziu nenhum escrito autobiográfico nem respondia a questões íntimas. A maior parte da informação que temos é de fontes secundárias, de testemunhos de contemporâneos ou algum material de imprensa da época. No entanto, isso não diminui a força de sua figura ou mesmo a vontade imaginária de escrever sobre ela. Antonio Quinet, psicanalista contemporâneo formado pela Paris VIII, descreve Charcot assim:

“Nomeado médico do hospital La Salpêtrière (um hospital de mulheres) em 1862, dedica-se então ao estudo da neurologia. A partir de 1870 consagra-se à histeria (...) Em 1878, começa a investigar e utilizar o hipnotismo, despertando o interesse da comunidade científica por esse procedimento até então reservado a charlatões. A hipnose é considerada por ele “uma neurose de essência histérica”. Charcot isolou a histeria como tipo clínico específico e descreveu à exaustão todas as suas modalidades, transformando seu serviço num grande laboratório experimental da histeria (...). Seu serviço na Salpêtrière adquiriu fama internacional, atraindo médicos de diversas nacionalidades, dentre os quais Freud. Segundo este, Charcot ‘não era propriamente um pensador e sim, dotado artisticamente de uma natureza talentosa, era um visual, um ser vidente... Diante de seu olho do espírito se ordenava o aparente caos... e assim surgiam novos quadros clínicos’ (...). Modernizou Salpêtrière, transformando o velho asilo em hospital de ponta mundialmente famoso, equipado com os aparelhos mais modernos e sofisticados. A partir de sua concepção ‘neurológica’ (e portanto considerada científica e séria), possibilitou a generalização da histeria para os dois sexos (...). Charcot não caiu em total ostracismo e esquecimento graças a Freud, que o vinculou ao nascimento da história da psicanálise.”<sup>15</sup>

Charcot foi como uma faísca para Freud. O pai da Psicanálise criticava nele a desconsideração do trauma psíquico como causa da histeria. Apesar de não ter tido um impacto imediato, a visita de Freud a Charcot, para muitos, é o primeiro momento da história da criação da Psicanálise.

#### 5.5. Josef Breuer e Anna O. (Bertha Pappenheim)

Nascido em 15 de janeiro de 1842 em Viena, Josef Breuer foi um fisiologista austríaco. Seu interesse primeiro foi o funcionamento dos pulmões e depois foi para a relação do ouvido e do equilíbrio do corpo (o funcionamento do labirinto).

Isso aproximou de sua clínica a jovem Bertha Pappenheim, que se encontrava, por momentos, sob uma paralisia temporária de fundo histérico. Nascida em 1859, Bertha virara paciente de Breuer aos 21 anos, em 1880. Ganha o nome clínico de Anna O.

---

15 QUINET, A. *A Lição de Charcot*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 79-80.

Inicialmente tratada apenas com hipnose por Breuer - que conhecia as ideias de Charcot - , Anna O. logo começava a se acalmar quando, em transe hipnótico, falava de sua vida passada, de sua infância e do fato de que tinha que cuidar do moribundo pai. Um dia, Anna O. brincou que esse ato de falar era quase uma “limpeza de chaminé”, limpando a sujeira de sua mente.

Em outro dia, ela falou que Breuer estava curando-a pela fala.

Breuer não relata inicialmente suas descobertas pois logo se vê intrincado em um jogo erótico entre médico e paciente. Certo dia, em 1882, Anna fala que estava parindo o filho dele. Isso assusta Breuer que logo recomenda a internação de Anna O..

Breuer e Freud se conhecem - graças à grande diferença de idade - em posições diferentes na Universidade de Viena. O primeiro era um colega de Brücke, o segundo o pupilo. Muitos anos depois, inclusive passado anos após a visita de Freud a Charcot em 1886, Breuer comenta o caso Anna O. para Freud em uma situação social.

Freud que, aos poucos, retomava a atividade científica após uma pausa de cinco anos para se estruturar financeiramente, fica intrigado. Os dois publicam estudos sobre o caso que, junto com outros, vira um livro de estudos sobre a Histeria em 1895.

O nome do método que Breuer aplicou em Anna O. é denominado pelos dois austríacos de catártico. No entanto, pouco a pouco, Breuer confidencia os detalhes sexuais do caso de Anna O., causando um “estralo” na mente do pai da Psicanálise, possibilitando que ele entendesse a teoria da repressão por trás das neuroses através da sexualidade.

Breuer nunca admitiu essa visão e, pouco antes da publicação de A Interpretação dos Sonhos em 1900, ele já se afastara de Freud, chegando a criticá-lo a colegas. Freud, por outro lado, sempre mencionou Breuer como um valioso contribuidor para a Psicanálise, sendo o método catártico uma das bases metapsicológicas da livre associação.

O médico Breuer falece em 1925, sendo o interesse sobre a sua vida retomado quando, em 1992, o psicanalista Irvin D. Yalom cria a ficção histórica Quando Nietzsche Chorou mostrando as relações alegóricas da Psicanálise com Breuer e com o niilismo filosófico.

Já Bertha Pappenheim - a quem Freud sempre se referia como conquistando coisas grandiosas após a sua cura - conseguiu equacionar suas dores psíquicas. Tornou-se uma das primeiras feministas de origem judia, lutando contra o tráfico de mulheres em famosa campanha internacional em 1902, bem como sendo a fundadora da Associação de Mulheres Judias, uma das primeiras organizações de serviço social voltada para a igualdade de gênero.

Ela falece em 1936 no começo da intensificação da perseguição nazista aos judeus. Já idosa e doente, ela é obrigada a depor em uma delegacia sobre uma fofoca de que alguém em sua casa (que também servia de abrigo para meninas abandonadas) maldissera Hitler.

Ela se recusou de início, mas depois, para evitar qualquer represália contra uma menina do abrigo, fez um depoimento oficial, fazendo com que a polícia arquivasse o inquérito.

Menos de um ano após sua morte, o abrigo fora fechado, ficando poucos no local “à revelia”.

Em 1938, os nazistas incendiaram parte da casa, sendo ela reformada também à revelia das autoridades. Em 1942, quem ali vivia fora preso e mandado para morte em campos de concentração, especialmente o de Theresienstadt. A líder após a morte de Bertha, Hannah Karminski (quarenta anos mais jovem que Bertha e que nutria uma relação de amizade muito próxima desde 1924), morre no campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau em 1943.

## 6. Recapitulando...

- A Psicanálise é vinculada a uma longa tradição de reflexão filosófica sobre a mente humana;
- A Filosofia da Mente faz parte do início da Filosofia. Seu início como disciplina remonta a Sócrates e Platão com a criação da Questão da verdade do ser;
- Inicialmente, a resposta para esta questão era metafísica. A verdade está em um mundo para além do mundo físico, não importando a experiência, mas sim a Razão. É o chamado Racionalismo;
- Depois, surge uma resposta opositora e inversa, sendo física. A verdade então estaria nas coisas e na sua experiência. A mente humana, em seu início, seria um quadro em branco. É o chamado Empirismo;
- Com Kant, surge uma terceira via, equilibrando as duas respostas: o Idealismo;
- A Psicanálise é tributária do Idealismo e suas influências em movimentos contemporâneos a ela, tais como o Psicologismo, a Fenomenologia e o Niilismo;
- Sigmund Freud nasceu em 1856 no então Império Austríaco em cidade que faz parte da atual Tchêquia. Quando criança, se muda para Viena onde ficará até quase o fim da sua vida, onde parte para um exílio forçado a Londres, graças à situação geopolítica da Segunda Guerra Mundial;
- Era o primogênito do segundo casamento do pai. A relação dele com os dois será determinante para as primeiras reflexões psicanalíticas;
- Freud era considerado o mais promissor dos irmãos, sendo versado em línguas e em interesse científico desde a escola;
- Vai estudar Medicina na Universidade de Viena onde possui três professores que moldam seu caminho: o psicologista Brentano, o zoólogo Claus e, o mais importante, o fisiologista Brücke, criador da psicodinâmica;
- A psicanálise não é uma criação de um jovem Freud, mas sim de um pesquisador já maduro;
- É com 30 anos que Freud, com o impacto do ensino de Charcot em Paris, inicia seus estudos sobre a histeria (1886) e sua clínica junto com o médico Josef Breuer. Com quase 40 anos (1895), Freud publica em co-autoria com o colega austríaco, seus primeiros estudos sobre a histeria. E é, nos 44 anos de Freud (1900), que a Psicanálise finalmente é considerada nascida com a Interpretação dos Sonhos junto com a alvorada do século XX;
- A histeria era tradicionalmente vista como uma questão de mal-funcionamento do corpo feminino. Charcot, através da hipnose, não só contradizia isso, mas também indicava um caminho para a cura. A hipnose não só tirava mulheres do estado histérico, mas também podia colocar homens em estado histérico, demonstrando que nada havia de relação com o útero;
- A histeria seria assim um caso de psicossomatia, ou seja, reações corporais causadas por dores psíquicas e condições mentais;
- Sob esta hipótese, Freud e Breuer trabalham na cura da histeria, encontrando o método catártico através da questão da livre associação;
- A livre associação surge por uma situação vivida por Breuer no chamado "Caso Anna O.";
- Anna O. é o pseudônimo clínico de Bertha Pappenheim (a psicanálise sempre trata seus pacientes por pseudônimos; o nome de Bertha nos é conhecido hoje por pesquisa histórica e pelos feitos da própria, uma pioneira do feminismo). A livre associação surgiu quando Anna O. decidiu, a partir do incentivo e anuência de Breuer, encerrar suas sessões de hipnose para tratar sua histeria. No lugar,

elas simplesmente falaria com Breuer, dizendo tudo que lhe viesse à mente. Anna chamava essa ação de “limpeza de chaminés” e ambos chegaram a se referir a ela como “cura pela fala”. Essa atitude é o início da livre associação, que embasaria a psicanálise anos depois;

- O método catártico buscava fazer, através da fala do paciente e da escuta do analista, com que o montante de afeto empregado na manutenção do sintoma histérico, que estava “entalado” (psicossomatizado), tomasse as vias normais, onde podia chegar à descarga (ab-reagir);

- O caso “Anna O.” é central no livro de Freud e Breuer: Estudos sobre a Histeria (1895); no entanto, também é o ponto de separação dos dois colegas. Breuer não admitia o componente da sexualidade no histérico;

- Por causa de sua própria moralidade e relação com o caso de Anna O., Breuer omite os dados sexuais que Freud nota e inicia sua construção do método psicanalítico: “Breuer deixa cair de suas mãos a chave da Psicanálise”, dirá Freud mais

tarde;

- Freud, a partir da sexualidade, nota uma psicodinâmica humana manifestada entre duas forças: ‘instinto’ [pulsão] e ‘resistência’, ambas de origem sexual;

- Essas duas forças lutariam entre si por algum tempo, com forte participação da consciência, até que o instinto fosse rechaçado, sendo retirado o investimento de energia de sua tendência. Esta seria a condição normal no humano;

- Nas neuroses (e a histeria é uma delas), o conflito tem outro desfecho. O instinto é interpretado como algo repulsivo, sendo barrado seu acesso à consciência e à descarga motora direta, mas este conserva seu pleno investimento de energia. Esse processo é denominado por Freud como “repressão”, uma descoberta científica para a época;

- A repressão montava um mecanismo de defesa primário, comparável a uma tentativa de fuga, um julgamento condenatório;

- Isso levaria o Eu (a consciência humana) a se pro simplesmente falaria com Breuer, dizendo tudo que lhe viesse à mente. Anna chamava essa ação de “limpeza de chaminés” e ambos chegaram a se referir a ela como “cura pela fala”. Essa atitude é o início da livre associação, que embasaria a psicanálise anos depois;

- O método catártico buscava fazer, através da fala do paciente e da escuta do analista, com que o montante de afeto empregado na manutenção do sintoma histérico, que estava “entalado” (psicossomatizado), tomasse as vias normais, onde podia chegar à descarga (ab-reagir);

- O caso “Anna O.” é central no livro de Freud e Breuer: Estudos sobre a Histeria (1895); no entanto, também é o ponto de separação dos dois colegas. Breuer não admitia o componente da sexualidade no histérico;

- Por causa de sua própria moralidade e relação com o caso de Anna O., Breuer omite os dados sexuais que Freud nota e inicia sua construção do método psicanalítico: “Breuer deixa cair de suas mãos a chave da Psicanálise”, dirá Freud mais

tarde;

- Freud, a partir da sexualidade, nota uma psicodinâmica humana manifestada entre duas forças: ‘instinto’ [pulsão] e ‘resistência’, ambas de origem sexual;

- Essas duas forças lutariam entre si por algum tempo, com forte participação da consciência, até que o instinto fosse rechaçado, sendo retirado o investimento de energia de sua tendência. Esta seria a condição normal no humano;

- Nas neuroses (e a histeria é uma delas), o conflito tem outro desfecho. O instinto é interpretado como

algo repulsivo, sendo barrado seu acesso à consciência e à descarga motora direta, mas este conserva seu pleno investimento de energia. Esse processo é denominado por Freud como “repressão”, uma descoberta científica para a época;

- A repressão montava um mecanismo de defesa primário, comparável a uma tentativa de fuga, um julgamento condenatório;
- Isso levaria o Eu (a consciência humana) a se proteger do contínuo assédio do impulso reprimido em um lugar “sem acesso consciente” (o inconsciente humano), mediante um “contrainvestimento” de energia;
- Na histeria de conversão essa outra via conduz à somatização, criando sintomas tais como os experimentados pelas histéricas de Charcot e por Anna O. Os sintomas são apenas satisfações substitutivas, mas deformadas e desviadas de sua meta pela resistência do Eu do paciente;
- A teoria da repressão tornou-se o pilar da compreensão das neuroses, transformando a tarefa da terapia;
- Se no método catártico de Freud e Breuer, o objetivo era mais ‘ab-reagir’ o afeto que enveredara por vias erradas, agora a ideia é desvendar as repressões e substituí-las por operações de julgamento, análise e clínica que poderiam resultar na aceitação ou rejeição pelo paciente do que fora repudiado pelo seu Eu;
- Considerando esse novo estado de coisas, Freud deixa de lado o nome de “catarse” o procedimento de investigação e cura através da fala do paciente e da escuta do analista. Surge a ideia de psicanálise e é possível, a partir da repressão, entender todos os elementos da teoria psicanalítica (metapsicologia);
- Estava aberto o caminho para a Invenção da Psicanálise através da escrita e publicação de A Interpretação dos Sonhos (1900).

## 7. Para saber mais

Nesta seção, há aqui algumas dicas de leitura e/ou para assistir para ampliar os seus conhecimentos nos assuntos tratados neste primeiro módulo do seu curso de formação em Psicanálise no Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBRAPSI). São livros do próprio Sigmund Freud, de psicanalistas, filósofos e artistas que versam sobre este mundo primeiro que envolveu a criação da teoria psicanalítica, sua relação com a filosofia, bem como a compreensão da dor psíquica da histeria.



## O MUNDO DE SOFIA: ROMANCE DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

**Jostein  
Gaarder**

Sinopse fornecida pela Editora: “Às vésperas de seu aniversário de quinze anos, Sofia Amundsen começa a receber bilhetes e cartões-postais bastante estranhos. Os bilhetes são anônimos e perguntam a Sofia quem é ela e de onde vem o mundo. Os postais são enviados do Líbano, por um major desconhecido, para uma certa Hilde Møller Knag, garota a quem Sofia também não conhece. O mistério dos bilhetes e dos postais é o ponto de partida deste romance fascinante, que vem conquistando milhões de leitores em todos os países e já vendeu mais de 1 milhão de exemplares só no Brasil. De capítulo em capítulo, de “lição” em “lição”, o leitor é convidado a percorrer toda a história da filosofia ocidental, ao mesmo tempo que se vê envolvido por um thriller que toma um rumo surpreendente.”

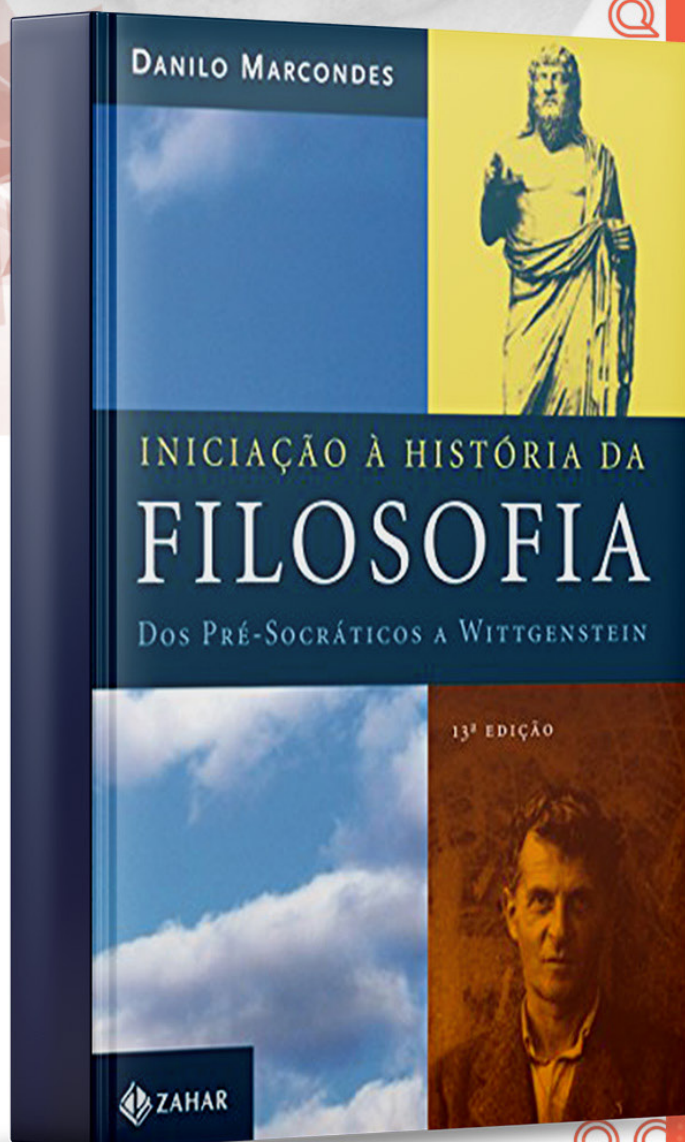




## INICIAÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA: DOS PRÉ-SOCRÁTICOS A WITTGENSTEIN

**Danilo  
Marcondes**

Sinopse fornecida pela Editora: "Resultado de mais de quinze anos dedicados ao ensino da filosofia, esse verdadeiro guia da história do pensamento ocidental situa pensadores e correntes filosóficas em seu contexto histórico, discute ideias e conceitos e, quando necessário, apresenta os textos mais relevantes dos filósofos em questão, como o mito da caverna de Platão ou a tabela dos juízos e categorias de Kant. Dividido cronologicamente em quatro partes – filosofia antiga, medieval, moderna e contemporânea –, após cada capítulo o livro traz quadros sinóticos que recapitulam a matéria estudada, uma seleção de leituras sugeridas, além de propor questões e temas para discussão em sala de aula, o que reforça e traduz o caráter expressamente didático da obra. Conta também com índice remissivo."

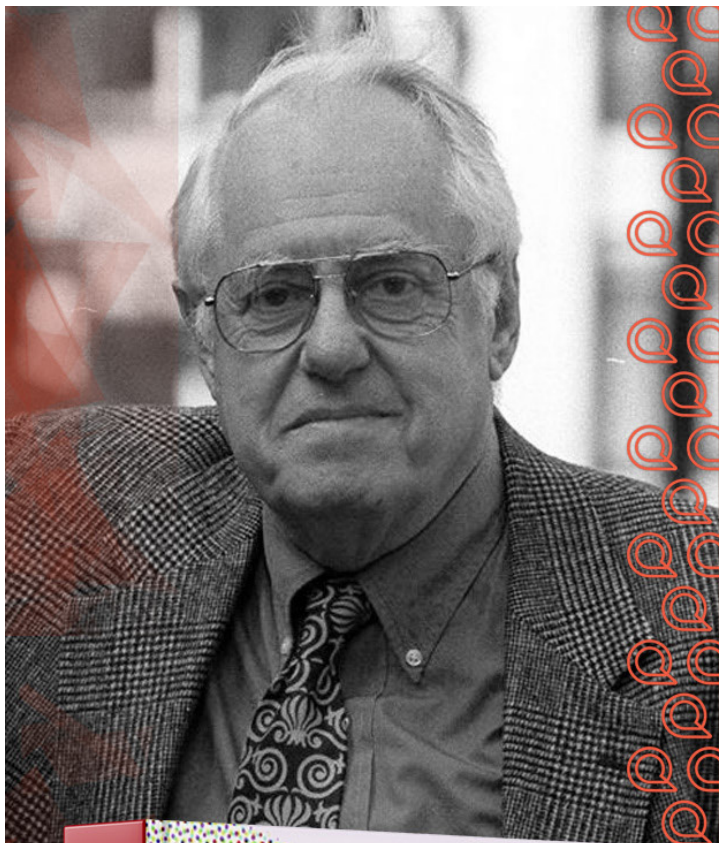




## QUANDO NIETZSCHE CHOROU

Irvin D. Yalom  
Harper Collins, 2019

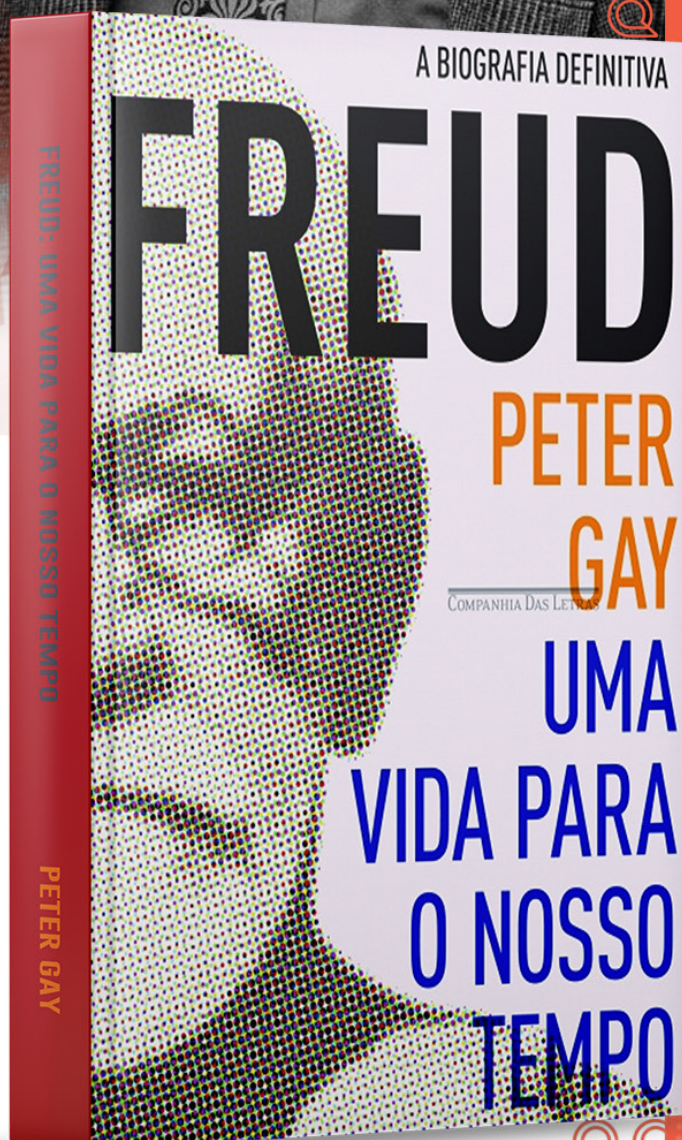
Sinopse fornecida pela Editora: "No final do século XIX, Josef Breuer parece estar no auge de sua carreira após curar uma paciente com seu novo método de tratamento, a "terapia através da conversa". No entanto, isso também se revela um grande tormento, pois ele desenvolve obsessivas fantasias sexuais com sua paciente, que causam a ele insônia e pesadelos. De férias em Veneza, Breuer encontra uma jovem russa que lhe pede um favor: tratar a depressão suicida do amigo Friedrich Nietzsche. A partir do encontro dos dois homens, o que se estabelece é uma relação na qual as funções de médico e paciente se confundem, pois, assim como o filósofo consegue alívio para suas angústias, Breuer também encontra, na filosofia de Nietzsche, algumas respostas para as próprias dores existenciais."



## FREUD: UMA VIDA PARA O NOSSO TEMPO

**Peter  
Gay**

Sinopse fornecida pela Editora: “Este livro é uma viagem pelo mundo de Sigmund Freud: a família, as relações, a cidade onde viveu, a formação, as dificuldades profissionais, inovações teóricas, os casos clínicos, a vida extraordinariamente produtiva e o contexto social e histórico em que ela foi vivida. Nenhum outro biógrafo conseguiu relacionar com tamanha perspicácia as concepções de Freud à sua vida. Historiador com formação psicanalítica, Peter Gay tem um interesse especial pelo período de efervescência intelectual e profunda instabilidade política que foi a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Ao examinar as paixões, sondar o intelecto e expor com clareza as teorias de Freud, Peter Gay construiu uma obra que é considerada por muitos como a biografia definitiva do criador da psicanálise, um

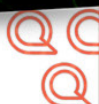
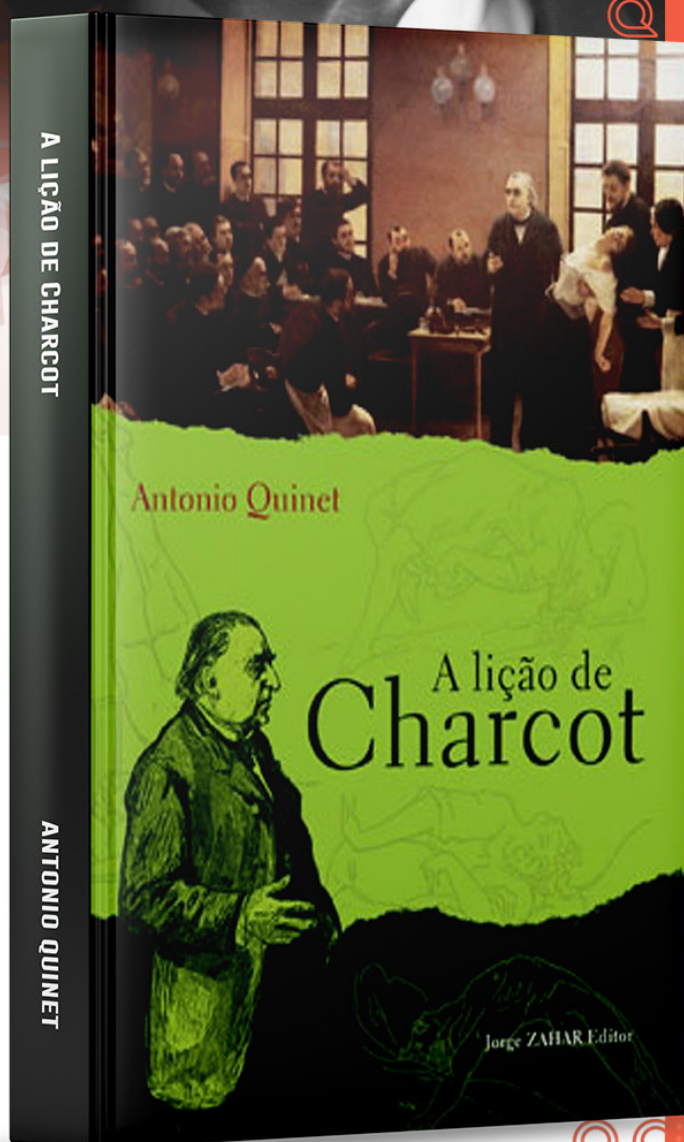




## A LIÇÃO DE CHARCOT

**Antonio  
Quinet**

Sinopse fornecida pela Editora: “Entre 1885 e 1886, em visita ao hospital parisiense La Salpêtrière, Freud entrou em contato com o “teatro da histeria” dirigido por Charcot — experiência que viria a ser determinante para o nascimento da psicanálise. Antonio Quinet usa esse encontro como base para criar uma peça em que propõe um gênero novo de articulação entre arte e pensamento: a psicanálise implicada no teatro. O autor fala da histeria a partir do teatro – não numa narrativa histórica e sim numa interpretação cênica que tem como ponto de partida o que o inconsciente histérico ensina: quem comanda é a Outra Cena. Ambientada na Salpêtrière e na mansão de Charcot, essa peça traz à cena as histerias de hospital e de salão. Convulsiva, dramática, lírica, contorcionista, cômica e ilusionista, a histeria aparece em todo seu esplendor de situações e sintomas como expressão artística e modalidade de laço social, para além da patologia. Protagonizam a peça Charcot, Freud e Babinski, acompanhados de coadjuvantes do porte de Sarah Bernhard, D. Pedro II e muitos outros, que se deslocam no palco da história para fazer brilhar o protagonista: o corpo encharcado de histeria. O livro inclui uma contextualização histórica dos personagens, além de anexos em que o autor apresenta uma cronologia das diferentes concepções da histeria (do antigo Egito até os dias de hoje) e esclarece em linguagem simples o que é essa afecção – uma questão ainda extremamente polêmica, pertinente e atual. Contando com mais de 50 ilustrações, A lição de Charcot é para ser aprendida tanto por curiosos quanto por profissionais da mente e do palco.”



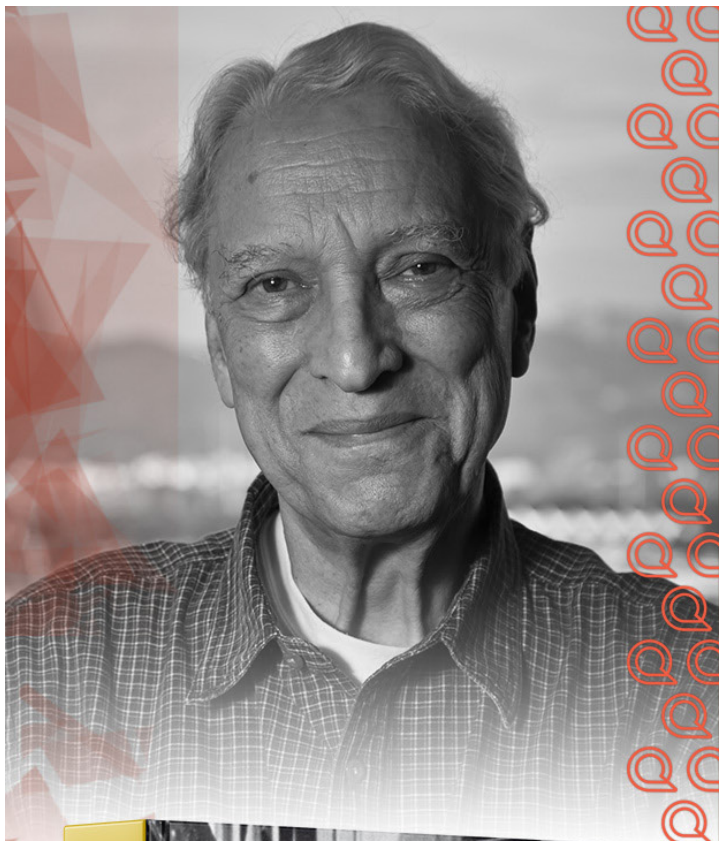


## **FREUD (1893-1895) - OBRAS COMPLETAS VOLUME 2: ESTUDOS SOBRE A HISTERIA**

**Sigmund Freud**

Sinopse fornecida pela Editora: "No final do século XIX as neuroses que se manifestavam por meio de somatizações, alucinações e angústias eram chamadas de "histerias". Para estudar esse fenômeno, Freud escreveu junto com o médico Breuer os Estudos sobre a histeria - obra essencial para a compreensão da psicanálise. Relatando os casos de cinco pacientes - entre elas a célebre Anna O. -, eles argumentam que os histéricos sofrem por haverem sufocado a memória dos eventos que originaram a doença. É preciso, então, trazer à luz esses traumas, inicialmente por meio da hipnose. Mas, como isso não funciona com alguns pacientes, Freud passa a recorrer à associação livre, tornando seu método ainda mais complexo."

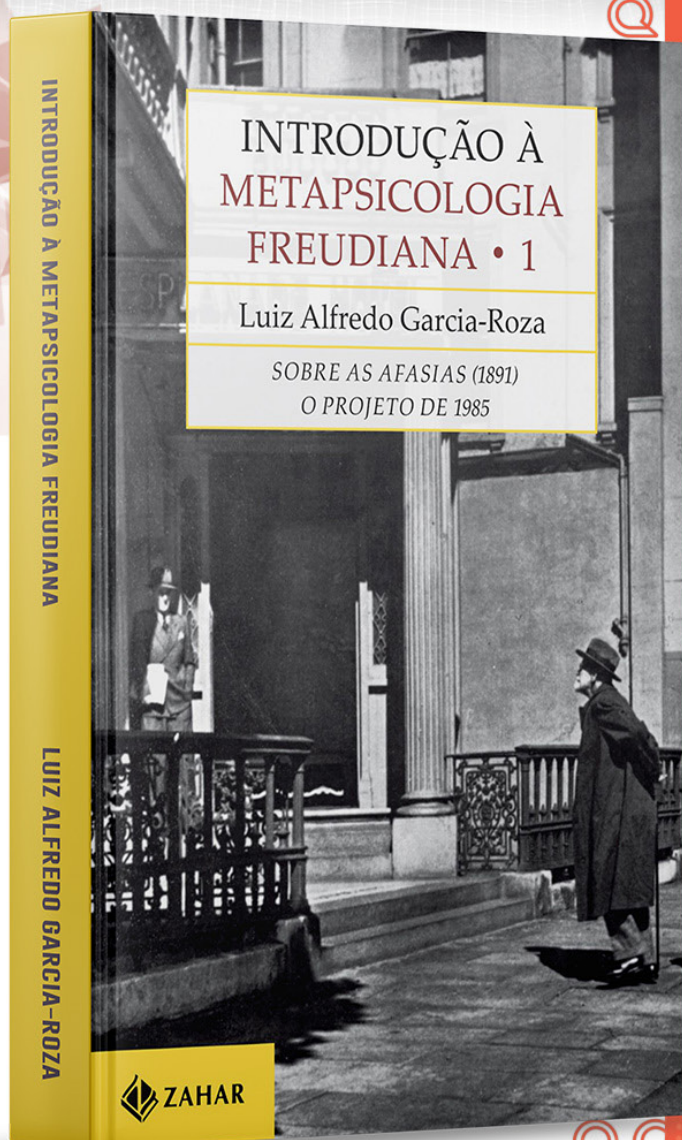


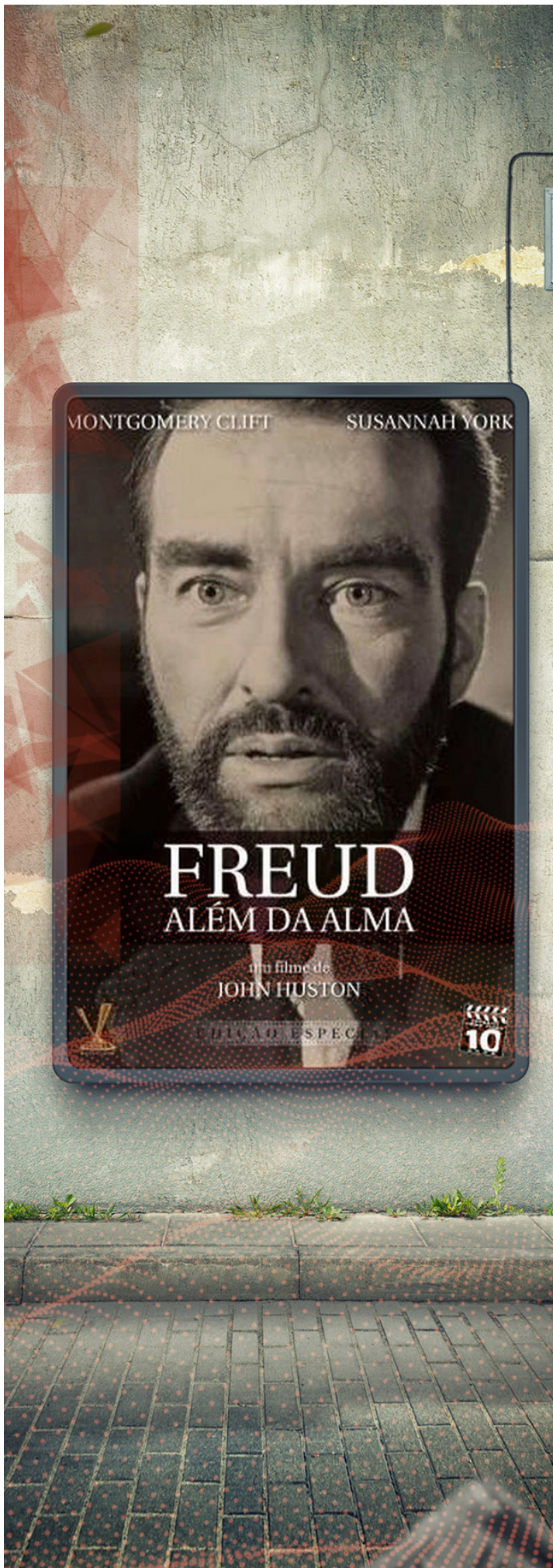


## INTRODUÇÃO À METAPSIKOLOGIA FREUDIANA 1: SOBRE AS AFASIAS

**Luiz Alfredo  
Garcia-Roza**

Sinopse fornecida pela Editora: A proposta dessa Introdução à Metapsicologia não é, a partir de um lugar exterior, apontar caminhos que conduzam o leitor a uma verdade já pronta. Trata-se, sim, de introduzi-lo na cozinha da "bruxa", termo com que Freud se refere à metapsicologia. Os volumes pautam-se pelos textos balizadores da construção teórica freudiana, momentos de criação de conceitos fundamentais.





## **FREUD, ALÉM DA ALMA**

**Filme de  
John Huston**

Sinopse fornecida pelo Box Duplo Especial: "A Versátil apresenta Freud, Além da Alma, aclamado clássico do mestre John Huston (O Tesouro de Sierra Madre) sobre a vida de Sigmund Freud (1856 – 1939).

Este DVD DUPLO traz o filme em versão integral e muitos extras, incluindo um depoimento do Prof. Renato Mezan (PUC), um dos maiores especialistas brasileiros na obra de Freud, e o documentário Freud em Viena. O roteiro cobre o período da vida de Freud desde sua graduação em Medicina na Universidade de Viena até o desenvolvimento de suas primeiras teorias psicanalíticas, relacionando suas descobertas acerca do funcionamento do inconsciente humano às suas experiências pessoais.

Ao tratar uma jovem histérica e sexualmente reprimida, Freud (o astro Montgomery Clift em grande atuação) formula o conceito do Complexo de Édipo. Com ótimos diálogos e direção magistral de John Huston, Freud, Além da Alma é uma excelente introdução às ideias do criador da Psicanálise."



## O OUVIDO PSICANALÍTICO: 165 ANOS DE FREUD

**Rafael Duarte  
Oliveira Venancio**

Sinopse fornecida pelo Jornal da USP (15/04/2021):

“Radiodocumentário celebra os 165 anos de Sigmund Freud. Com sete episódios, “O Ouvido Psicanalítico”, da Rádio USP, vai contar vida e obra do criador da psicanálise.

‘O médico austríaco Sigmund Freud (1856-1939) criou, ao mesmo tempo, um novo olhar sobre o ser humano, uma clínica e uma forma diferente de ver a sociedade.’ É o que afirma o pesquisador Rafael Duarte Oliveira Venancio, doutor e pós-doutor pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e autor do radiodocumentário O Ouvido Psicanalítico: 165 Anos de Freud, que será exibido a partir deste domingo, dia 18, no programa Universidade 93,7, da Rádio USP (93,7 MHz). Em sete capítulos, a série marca o dia 6 de maio, data de nascimento de Freud. Os episódios apresentarão entrevistas sobre a vida e obra do médico austríaco, sua importância para o século 21 e os trabalhos desenvolvidos atualmente por psicanalistas e pesquisadores que utilizam as ideias freudianas para compreender diferentes facetas do homem e da sociedade. Dentre os entrevistados estão nomes como Waldir Bevidas, Renato Mezan, Eugênio Bucci e Mayra Rodrigues Gomes, entre outros.”

## 8. Referências Bibliográficas

BETTELHEIM, B. Freud & Man's Soul. London: Chatto & Windus, 1983.

DUFRESNE, T. (ed). Returns of the French Freud: Freud, Lacan, and Beyond. New York and London: Routledge Press, 1997, pp. 13–15.

FREUD, S. Obras completas (20 volumes). São Paulo: Companhia das Letras, 2011-2021

FLEM, L. La vie quotidienne de Freud et de ses patients. Paris: Hachette, 1986.

GAY, P. The Bourgeois Experience Victoria to Freud - vol. II. New York: OUP, 1986.

GAY, P. Lendo Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

GAY, P. Freud: Uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

PONTALIS, J. B.; MANGO, E. G. Freud com os escritores. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

QUINET, A. A Lição de Charcot. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

VENANCIO, R. D. O. Psicanálise lê Shakespeare: Teatro e a Psique Humana em Freud, Jones, Lacan e Green. Amazon.com: KDP, 2021.